

**UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO**

**MATEUS PEREIRA PESSOA DE ALMEIDA**

**SENTIDOS DA PRIMAVERA ÁRABE NA IMPRENSA  
BRASILEIRA: O DISCURSO NOTICIOSO DA FOLHA  
DE SÃO PAULO**

BAURU  
2014

**MATEUS PEREIRA PESSOA DE ALMEIDA**

**SENTIDOS DA PRIMAVERA ÁRABE NA IMPRENSA  
BRASILEIRA: O DISCURSO NOTICIOSO DA FOLHA  
DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo da Silva.

BAURU  
2014

**MATEUS PEREIRA PESSOA DE ALMEIDA**

**SENTIDOS DA PRIMAVERA ÁRABE NA IMPRENSA BRASILEIRA: O  
DISCURSO NOTICIOSO DA FOLHA DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo da Silva.

---

Prof. Dr. Marcelo da Silva  
Universidade Sagrado Coração

---

Profa. Me. Daniela Pereira Bochembuzo  
Universidade Sagrado Coração

---

Profa. Dra. Eliza Bachega Casadei  
UNESP – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Bauru, 25 de junho de 2014.

Dedico este trabalho à minha família, meus amigos e meus professores.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Danilo e Terezinha, meus irmãos Lucas e Caroline, que são a base e a força que sustentam minha caminhada em todas as jornadas que me proponho a seguir e que me motivam a prosseguir nas adversidades da vida.

Agradeço aos meus colegas de turma e amigos que estiveram presentes durante essa jornada da graduação, em especial à Cíntia Papile, que sempre me apoiou e com quem partilhei inúmeros trabalhos durante o curso de jornalismo, muitos risos e momentos divertidos que tornaram a caminhada mais leve e que se tornou uma amiga que muito estimo; ao Betão, que também me acompanhou como colega de turma nesse processo acadêmico e que depois se tornou um amigo com quem certamente posso contar e partilhar alegrias e agruras da vida.

Agradeço ao meu professor orientador, Marcelo da Silva, por ter acreditado em mim, me incentivando a prosseguir com palavras de apoio e fé quando as dificuldades apontaram e também pela paciência, dedicação e exemplo de caráter, humanidade e competência.

Agradeço aos meus professores do curso de jornalismo, em especial à professora Daniela Bochembuzo pelos ensinamentos, pelo incentivo e também pelo exemplo de caráter e competência admiráveis.

Agradeço ao meu amigo “China”, que considero um grande irmão, com quem sempre posso contar, que me apoia em todos os momentos e em tudo o que me proponho a fazer, e com quem construí uma amizade sólida, honesta e de importância imensurável.

Agradeço ao meu amigo Luiz Alfredo, por me ajudar a eliminar as barreiras que me impediam de seguir na jornada da vida e por me incentivar a cumprir meu propósito de vida e buscar o sucesso em todos os aspectos de minha vida.

Agradeço à minha amiga Gracy, que sempre me incentivou e apoiou a buscar aquilo que gosto e acredito, e que é um exemplo de caráter e bondade.

Agradeço às minhas amigas “Lecca” e “Reitchel” (Raquel), por serem pessoas agradáveis com quem gosto de passar bons momentos, mesmo que seja em um almoço rápido no meio da semana.

Agradeço à amiga Josiane Miranda, por neste último mês ter trazido incentivo, que certamente contribuiu para que eu seguisse em frente e concluísse este trabalho.

Agradeço a toda minha família pelo amor, apoio, incentivo e exemplo.

O mundo que enxergamos depende muito do mundo que há dentro de nós.  
(Autor desconhecido)

## RESUMO

A notícia é a base da práxis jornalística e seu processo de produção é permeado por inúmeros fatores ligados ao indivíduo, à história e à ideologia. Com função de transmitir informações, conhecimento através de um recorte na realidade, as notícias estão presentes no cotidiano das pessoas, em diferentes culturas ao redor mundo. Assim, o objetivo é analisar a cobertura noticiosa feita pelo jornal Folha de S. Paulo sobre a Primavera Árabe. Por meio dos processos de construção da notícia e da Análise de Discurso, pretende-se depreender os sentidos da Primavera Árabe na imprensa brasileira para compreender de que maneira o jornalismo ocidental, representa alguns aspectos da realidade do mundo oriental. Os resultados indicam que o discurso noticioso da Folha sobre a Primavera Árabe mostra inúmeras reificações da realidade do mundo árabe, visões estereotipadas e marginalizam as ações das manifestações populares, apresentando ao mundo ocidental uma visão deformada sobre alguns aspectos da cultura oriental. Desta, a construção do discurso noticioso pela Folha de São Paulo evidencia uma falta de deslocamento cultural para compreender os acontecimentos em outras realidades culturais.

**Palavras-chave:** Folha. Jornalismo. Primavera Árabe. Análise de Discurso. Sentido.

## **ABSTRACT**

News is the base of journalism practice and its production process is permeated by numerous factors related to the individual, to the history and to the ideology. The news are present in daily life, in different countries all over the world, with the function of spreading information and knowledge through a cutout in reality. Thus, we intend to analyze the news coverage conducted by Folha de São Paulo journal, about the Arab Spring. Through the construction process of news and the Discourse Analysis, we intend to infer the meanings of the Arab Spring in Brazilian press, to comprehend in which way the occidental journalism treat, represent some aspects of the oriental world. The news discourse of Folha about the Arab Spring show numerous reifications of reality of the Arab world, stereotypical vies and marginalize the action of the popular protests, presenting to the occidental world a deformed view about some aspects of the oriental culture. Therefore, the construction of the news discourse by Folha de São Paulo evidence a lack of culture displacement in order to comprehend the events of other realities.

**Palavras-chave:** Folha. Jounalism. Arab Spring. Discourse Analysis. Meaning.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro Valores-notícia .....	28
Figura 2 – Quadro Dados da Situação de Comunicação.....	30
Figura 3 – Mapa Primavera Árabe .....	45
Figura 4 – Quadro Elementos da Linguagem fotográfica .....	47
Figura 5 – Folha de São Paulo 15 de janeiro de 2011 .....	50
Figura 6 – Folha de São Paulo 26 de janeiro de 2011 .....	56
Figura 7 – Folha de São Paulo 17 de fevereiro de 2011 .....	63

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1. CAPITALISMO E GLOBALIZAÇÃO</b>	14
1.1 As relações sociais no capitalismo	14
1.2 A questão da identidade cultural	17
<b>2. INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E JORNALISMO</b>	21
2.1 O futuro da informação	21
2.2 O poder da mídia: o jornalismo como quarto poder e o novo jornalismo	23
2.3 A construção da notícia	25
2.3.1 Critérios de noticiabilidade e valor-notícia	26
2.3.2 A notícia como discurso e o porquê elas são como são	27
2.3.3 A manipulação na imprensa	30
<b>3. ESTUDOS DO DISCURSO E DA LINGUAGEM</b>	32
3.1 Breve histórico da Análise de Discurso	32
3.2 Os elementos da Análise do Discurso: funções e concepções	33
3.2.1 O discurso, as condições de produção e a produção de sentido	34
3.2.2 A noção de sujeito e ideologia	35
3.2.3 A subjetividade na linguagem e enunciação	36
3.2.4 O ato de informar, a construção e os efeitos de sentido	38
3.2.5 Efeitos de verdade	40
<b>4. SENTIDOS DA PRIMAVERA ÁRABE NA IMPRENSA BRASILEIRA – ENUNCIÇÕES DA FOLHA DE SÃO PAULO</b>	42
4.1 Protocolo de Análise	42
4.1.1 Objetivos	42
4.1.2 Limitações	42
4.2 Por uma contextualização	43
4.2.1 Breve histórico da Folha de São Paulo	43
4.2.2. O mundo árabe e a Primavera Árabe	43
4.3 Os sentidos da Primavera Árabe na imprensa brasileira – enunciações na Folha de São Paulo	45
4.3.1 Sentidos iniciais da Primavera Árabe – Tunísia	47
4.3.1.1 Elementos textuais: enunciação a enunciação	49
4.3.1.2 O imagético e o textual: imbricações	52

4.3.2 Sentidos da Primavera Árabe no Egito .....	53
4.3.1.1 Elementos textuais: enunciação a enunciação .....	56
4.3.1.2 O imagético e o textual: imbricações .....	59
4.3.3 Sentidos da Primavera Árabe na Líbia .....	60
4.3.3.1 Elementos textuais: enunciação a enunciação .....	62
4.4 Considerações da Análise .....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68

## INTRODUÇÃO

A práxis do jornalismo se modificou bastante ao longo do tempo, principalmente após a globalização e o surgimento de novas tecnologias. Por conta disso, é fundamental que haja investigações científicas na área da comunicação e jornalismo, para que se possa refletir sobre a prática, a situação atual e os desafios para o futuro, principalmente nos tempos de rápida evolução tecnológica e fácil acesso à informação – em abundância – em que vivemos.

Em face destas transformações, é pertinente levantar questões basilares para compreender qual é a situação da práxis jornalística atual, principalmente no que tange à produção dos discursos noticiosos – já que o jornalismo está presente no cotidiano de maneira onipresente – e o futuro da informação, que é a base do jornalismo. Wolton (2010) acredita ser importante refletir sobre o futuro da informação, pois o fascínio pela velocidade, pelo tempo real, o uso da internet como meio principal de captação e disseminação de informação, pois a rapidez e a abundância de informações que temos hoje, não necessariamente se traduzem em informação com qualidade.

Acreditamos que justamente a qualidade da informação e a responsabilidade em sua disseminação é que devem ser a preocupação do jornalismo hodierno, principalmente quando da cobertura de acontecimentos de outras esferas culturais.

Assim, pretendemos analisar a cobertura noticiosa do jornal Folha de São Paulo sobre a Primavera Árabe, nos meses de janeiro e fevereiro, selecionando notícias referentes aos países árabes onde as manifestações populares tiveram maiores desdobramentos, como Tunísia, Egito e Líbia.

No capítulo I, traremos reflexões sobre as transformações sociais e os impactos nas identidades culturais, ocasionadas pelo capitalismo e a globalização, ancoradas em autores, como Santos (2001), Singer (1987), Castells (1999) e Hall (2006).

No capítulo II, refletiremos sobre a relação entre a comunicação, informação e jornalismo na atualidade, buscando compreender os processos de produção da notícia, a situação do jornalismo hodierno e os desafios para o futuro da informação. Para isso, teremos como base os autores Wolton (2010), Traquina (2005, 2006), Sousa (2002, 2004) e Abramo (2003).

No capítulo III, abordaremos os elementos da Análise de Discurso, para fundamentar e selecionar os elementos para análise de notícias, com os autores Orlandi (2012), Brandão (2002), Sousa (2004) e Charaudeau (2012).

No capítulo IV, teremos uma breve contextualização sobre a Primavera Árabe, ancorada em Brancoli (2013), um breve histórico sobre o jornal Folha de São Paulo e a análise de três notícias referentes a Primavera Árabe, duas destas veiculadas no mês de janeiro e a última no mês de fevereiro, que faremos por meio do campo da Análise de Discurso, depreendendo os sentidos da Primavera Árabe no jornalismo brasileiro para identificar as possíveis marcas de subjetividade e os efeitos de sentido no discurso noticioso, para propiciar reflexões e debates sobre a práxis e os caminhos do jornalismo hodierno na sociedade.

## CAPÍTULO I – CAPITALISMO E GLOBALIZAÇÃO

*“O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos”.*

(Milton Santos)

Um sistema socioeconômico surgido no século XVI e que, apesar de inúmeras transformações e crises, tem se legitimado pelo mundo inteiro – excetuando-se apenas pouquíssimas sociedades primitivas cuja organização social e econômica tenta ser independente, mas que já estão “contaminadas”<sup>1</sup> pelo sistema – trata-se, obviamente, do capitalismo.

Entre os inúmeros fatores que contribuíram para o surgimento do capitalismo, estão as Grandes Navegações ocorridas nos séculos XV e XVI. A partir de então, o novo sistema passou por diversas transformações e, por não se restringir apenas à economia, o capitalismo mudou as relações sociais como um todo, principalmente após a 1ª Revolução Industrial, no século XVIII (SINGER, 1989).

Basta observarmos como eram as relações sociais antes e depois do aparecimento do capitalismo bem como as transmutações marcadas pelas revoluções industriais. Todavia, é ao final do século XX e início do XXI que o capitalismo passa por sua fase mais avançada, integrando os campos social, econômico, cultural e político em escala global, por meio do desenvolvimento das comunicações e transportes.

### 1.1 As relações sociais no capitalismo

A globalização como fruto da evolução do sistema capitalista trouxe, inevitavelmente, mudanças positivas e também negativas. Por um lado, houve a integração social, econômica, cultural e política, o encurtamento das distâncias alterando a noção de espaço e tempo.

---

<sup>1</sup> As sociedades primitivas, no caso, os indígenas e/ ou qualquer outro tipo de organização socioeconômica que não dependa do capital para sobrevivência, não são mais as mesmas desde o surgimento do capitalismo, uma vez que inicialmente o processo de colonização e posteriormente o processo de urbanização transformaram essas sociedades ao ponto de não serem mais primitivas, uma vez que a linguagem e os costumes são bastante diferentes das sociedades consideradas primitivas.

Conforme Santos (2001, p.28) “tornamo-nos capazes, seja onde for, de ter conhecimento do que é o acontecer do outro”. Além disso, “o período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente”. Por outro lado, assevera o autor:

O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. (SANTOS, 2001, p. 19-20).

Neste sentido, Castells (1999, p.40) aponta que “as mudanças sociais são tão drásticas quantos os processos de transformação tecnológica e econômica”. Ele traz à tona que muitas mudanças ocorreram nos relacionamentos interpessoais, familiares, pois:

Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Desse modo, os relacionamentos entre os sexos tornaram-se, na maior parte do mundo, um domínio de disputas, em vez de uma esfera de reprodução cultural. Houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens, crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e personalidade (CASTELLS, 1999, p.40).

Outros pontos de mudanças importantes nas relações sociais que podemos destacar na coxia do pensamento de Castells (1999):

- 1) A consciência ambiental permeou as instituições da sociedade, e seus valores ganharam apelo político a preço de serem refutados e manipulados na prática diária das empresas e burocracias.
- 2) Os sistemas políticos estão mergulhados em uma crise estrutural de legitimidade, periodicamente arrasados por escândalos, com dependência total de cobertura da mídia e de liderança personalizada, estando cada vez mais isolados do cidadão.
- 3) Os movimentos sociais tendem a ser fragmentados, locais, com objetivo único e efêmero, encolhidos em seus mundos interiores ou brilhando por apenas um instante em um símbolo da mídia (CASTELLS, 1999, p.40-41).

Parece-nos relevante aportarmos e trazer à discussão, principalmente, as consequências negativas da globalização, uma vez que é a partir delas que podemos compreender os problemas nas relações sociais do mundo pós-globalização.

De acordo com Santos (2001), dois grandes problemas que surgiram e/ou se intensificaram com a globalização foram “a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas” (SANTOS, 2001, p.37). Ele aponta ainda que “ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitimam as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais influenciando o caráter das pessoas” (SANTOS, 2001, p.37). Tudo isso, motivado pela competitividade como consequência da produção e consumo que passa a crescer de maneira estonteante.

No que diz respeito à tirania da informação, conforme Santos (2001), a informação deveria ser um meio real de integração do planeta, proporcionando a ampliação do conhecimento do planeta e dos homens. Ocorre que a propriedade das técnicas de informação está em poder de alguns Estados e empresas, o que acentua e aprofunda os processos de desigualdade.

Além disso, Santos (2001) ainda afirma que:

O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar, permitiu que fosse cunhada a expressão [aldeia global], quando, na verdade, ao contrário do que se dá nas verdadeiras aldeias, é frequentemente mais fácil comunicar com quem está longe do que com o vizinho. Quando essa comunicação se faz, na realidade, ela se dá com a intermediação de objetos. A informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos. (SANTOS, 2001, p.40-41).

Destarte, compreendemos que, apesar do desenvolvimento das comunicações e das tecnologias de informação, da integração de sociedades no mundo todo promoverem novas possibilidades e mudanças positivas nas relações sociais, o processo de informar está intimamente ligado à lógica do capitalismo, uma vez que a transmissão de notícias e publicidade, por exemplo, se dão por empresas capitalistas em que, como qualquer outra, “o poder está concentrado num único centro diretivo, o qual subordina a seu fim – a lucratividade – a ação de todos os demais que trabalham nela”. (SINGER, 1987, p.9).

Quanto à tirania do dinheiro, Santos (2001) dispõe que na economia internacional atual, há uma autonomia do dinheiro e por conta disso “a relação entre a finança, dá lugar

àquilo que Marx chamava de loucura especulativa, fundada no papel do dinheiro em estado puro” (SANTOS, 2001, p.44). Além disto, “o sistema financeiro descobre fórmulas imaginosas, inventa sempre novos instrumentos, multiplica o que chama de derivativos, que são formas sempre renovadas de oferta dessa mercadoria aos especuladores”. Isso tudo tem como consequência o “fato de que tudo se torna valor de troca. A monetarização da vida cotidiana ganhou, no mundo inteiro, um enorme terreno nos últimos 25 anos” (SANTOS, 2001, p.44).

Em confluência com este pensamento, Singer (1987) assevera que:

Todos querem dinheiro porque como ele tudo pode ser comprado – todas as coisas desejáveis estão à venda, são mercadorias. Isso obviamente não é verdade estrita. Amor, fidelidade, paz de espírito ou um bom prato de comida caseira ainda podem ser encontrados no intercâmbio interpessoal, ou seja, no inter-relacionamento espontâneo das pessoas, sem o pagamento “em espécie”, isto é, se a moeda legal do país. Mas existe no capitalismo a tendência de transformar tudo o que é desejável em objeto de comércio. Amor mesmo não pode ser comprado, mas sexo pode, e sucedâneos, sob a forma de cachorrinhos ou bichanos, também (SINGER, 1987, p.7-8).

Outro fator importante que modificou as relações sociais é a competitividade, que para Santos (2001) é um fator que se mostra muito mais agressivo, sem compaixão, no mundo pós-globalização, onde é possível observar um crescente individualismo na política, economia e também na ordem social.

Neste sentido, Singer (1987) diz que:

Na luta competitiva, cada capitalista procura ocultar dos demais os seus planos e intenções e, ao mesmo tempo, procura descobrir o que os outros pretendem fazer. [...] Tudo isso dá à atividade econômica, no capitalismo, um aspecto lúdico, lembrando o jogo da cabra-cega. A especulação, ou seja, a adivinhação do futuro contamina, a partir do econômico, todo o comportamento social. (SINGER, 1987, p.9).

Além das alterações nas relações sociais, a globalização também provocou mudanças nas identidades culturais de todo o globo.

## **1.2 A questão da identidade cultural**

O fato de que a globalização teria integrado as sociedades do mundo todo, trouxe também mudanças no aspecto cultural, principalmente no que tange à identidade cultural. Giddens (1990, apud HALL, 2006, p.67-68) defende que:

A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica de “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço.

Para Hall (2006, p.68), as “novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” e as consequências seriam:

- 1) As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
- 2) As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.
- 3) As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 2006, p.69).

Ademais, Hall (2009) ainda aponta que:

[...] o impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação* – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Assim, a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal “começo-meio-fim”; os sistemas visuais de representação traduzem objetos tridimensionais em duas dimensões. Diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo. (HALL, 2009, p.70).

Para Harvey (1989, apud HALL, 2006), o encolhimento do espaço que torna o mundo uma aldeia global que é interdependente nas telecomunicações, na economia, ecologia e outros inúmeros aspectos, faz com que as pessoas tenham que lidar com a compressão dos mundos espaciais e temporais, resumindo tudo ao presente. Assim, os efeitos da globalização nas identidades culturais são o enfraquecimento das identificações nacionais e, por conseguinte, o fortalecimento das identificações globais, causando um deslocamento ou apagamento das identidades nacionais.

Outro ponto apresentado por Hall (2006) é o pós-moderno global, que seria a interdependência global, que “está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural [...] mas agora numa escala global” (HALL, 2006, p. 74). Características estas que influem nas diferentes instituições sociais, inclusive no jornalismo.

Nesse sentido, a mediação da vida social provocada pelo que ele denomina mercado global de estilos, as imagens da mídia e a interligação dos sistemas de comunicação em âmbito global, fazem com que as identidades se desvinculem do tempo, da história, das tradições e dos lugares que, por sua vez levam à homogeneização cultural, esmorecendo, assim, as diferenças culturais em todo o globo.

Estas transformações das identidades nacionais afirmada por Hall (2006) mostram uma confluência com os pensamentos de Santos (2001), que defende que, na aldeia global, é mais fácil se comunicar com aqueles que estão longe do que com os próprios vizinhos, algo paradoxal ao que se deveria ocorrer em aldeias.

Para Castells (1999), a sociedade informacional - como ele a denomina - tem como característica a “preeminência da identidade como seu princípio organizacional”. Para ele, identidade é “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado, principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais”. CASTELLS (1999, p.57).

Esta crise nas identidades culturais pode ser observada em todo o planeta e certamente modifica as relações sociais, já que alguns padrões culturais, ou seja, costumes, crenças e religiões são alterados com a integração das culturas de todo o mundo, principalmente em uma sociedade midiaticizada como a nossa. Entretanto, como assevera Castells:

Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso – cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista (o que parece uma contradição de termos) – provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados (CASTELLS, 1999, p.41).

Outro ponto importante que transformou e continua transformando as relações sociais e a cultura é a própria lógica do capitalismo, uma vez que “o progresso no capitalismo assume a forma da incessante busca do novo, do que vai ficar na moda. O que implica perene renovação cultural, em que a mudança se torna valor em si, que ofusca os demais valores” (SINGER, 1987, p.10). Tais questões implicam numa especificidade do fazer jornalismo que estaria, a nosso ver, investido de elementos que corroboram as reflexões que levamos a cabo.

Desta forma, acreditamos que os efeitos do capitalismo e da globalização na identidade cultural e nas relações sociais são efetivos e contínuos, já que o capitalismo está em constante transformação e a globalização é o principal marco dessas mudanças. Paralelamente a isso, vemos os reflexos desses efeitos no jornalismo, haja vista que o fazer

jornalístico, sua importância e papel na sociedade e, principalmente, as implicações informação em suas instâncias de produção e recepção vêm se modificando conforme as transformações do capitalismo, como abordaremos no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO II – COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E JORNALISMO**

*“A informação e a comunicação são inseparáveis da história da emancipação do homem”.*

(Dominique Wolton)

Os meios de comunicação evoluíram ao longo do tempo e assumiram papéis importantes na sociedade. Basta um breve olhar sobre a história do mundo, para perceber que o surgimento dos meios de comunicação modificou as relações sociais.

O meio impresso, que surgiu muito antes dos outros, como o rádio, a TV e internet, é de importância ímpar, pois foi através deste que se desenvolveu “o jornalismo que conhecemos hoje nas sociedades democráticas [que] tem as suas raízes no século XIX” (TRAQUINA, 2005, p. 34).

Nessa época, conforme Traquina (2005), houve grande expansão dos jornais, fato que motivou geração de emprego e, além disso, foi o período em que nasceu no jornalismo o novo ideal de fornecer informação, baseadas em fatos e não em opiniões<sup>2</sup>. Ademais, é o momento em que começaram a surgir os valores que o jornalismo carrega até os dias de hoje, como a notícia, a busca pela verdade, a independência e objetividade, bem como, a noção de serviço ao público.

Concomitante a isto, emergem os jornalistas como um novo grupo social que monopoliza o saber e também a comercialização da imprensa, tornando a informação uma mercadoria<sup>3</sup>. Desta forma, “dois processos fundamentais marcam a evolução da atividade jornalística, a saber: 1) a sua comercialização, e 2) a profissionalização dos seus trabalhadores” (TRAQUINA, 2005, p.35)

Considerando que o jornalismo começa a ganhar força no século XIX e vem, ao longo dos anos, se desenvolvendo em função do desenvolvimento do capitalismo, cabe agora tentar compreender a importância e o poder do jornalismo e da informação na sociedade hodierna.

---

<sup>2</sup> Na Revolução Francesa, final do século XVIII, os jornais eram utilizados como ferramentas de luta política.

<sup>3</sup> Historicamente, no século XIX é quando eclode a primeira Revolução Industrial, fase importante para o desenvolvimento capitalismo, que inevitavelmente acaba refletindo no jornalismo.

## 2.1 O futuro da informação

Como vimos no capítulo anterior, a globalização transformou as relações sociais, permitindo a compressão do espaço e tempo, por meio das comunicações e transportes. Todo esse avanço está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo e, desta forma, segue a lógica deste sistema, fato que ocorre também com a informação.

De acordo com Wolton (2010), é importante refletir sobre o papel da informação na sociedade do futuro, uma vez que há alguns problemas, defeitos que contradizem em parte o ideário da informação como algo libertador, plural e democrático, a saber:

- 1) A informação não cria a diversidade, uma vez que a concorrência faz com que todos abordem a mesma coisa, da mesma maneira, no mesmo momento, levando à uniformização.
- 2) A velocidade da informação muitas vezes impede o aprofundamento do conhecimento e o debate. É comum a ausência de comparações, o excesso de clichês e estereótipos.
- 3) Excesso de simplificação, em função do alto custo da informação, leva à falta de cuidado com a contextualização cultural.
- 4) O “furo” de reportagem passa a ser o único meio de distinção em relação à concorrência, em detrimento das ideias e do aprofundamento histórico.
- 5) Por conta da concorrência desenfreada é preciso ir muito rápido, o que deixa em segundo plano a compreensão de acontecimentos complexos.
- 6) A *globalização da informação* acentua os problemas, os defeitos anteriores ao projetá-los em escala mundial, com o risco de tornar ainda mais evidentes as contradições entre as várias concepções culturais da informação.
- 7) Boatos e segredos aumentam na proporção das informações circulando. Se nos mostram cada vez mais informação, deve haver muito mais para esconder.
- 8) A mídia costuma andar em círculos, pois os que participam da produção da informação e da explicação dela são sempre os mesmos.
- 9) A velocidade do progresso da tecnologia e a lentidão necessária à produção de informação são conflitantes. Como consequência de que tudo se gasta muito rápido, há necessidade de se produzir cada vez mais o “novo”. Restando como recurso de distinção a espetacularização das celebridades. (WOLTON, 2010, p.50-52).

Ainda segundo Wolton (2010, *grifo nosso*), há outros pontos que são fulcrais na reflexão do futuro da informação como, **o fascínio pela velocidade**, pelo tempo real, que se

intensificou com o progresso tecnológico, principalmente com a internet. Esta, aliás, tem sido o meio principal de disseminação de informação, o que pode ser preocupante, pois a rapidez e a abundância de informação não necessariamente se traduzem em informação com qualidade; **os receptores** da informação têm papel fundamental no processo de informar, uma vez que na atualidade a participação do receptor é muito fácil, o que significa uma margem de manobra restrita; **a diversidade cultural:**

é o horizonte que leva em consideração o receptor. O Ocidente não está mais sozinho. Constantemente criticado e sob suspeita, deve aprender a negociar com outros valores sem abandonar os seus. A diversidade cultural recoloca a questão das desigualdades diante da informação. Como passar da diversidade cultural de fato à construção de uma política de convivência cultural? Como passar do respeito dos valores universais da liberdade de informação ao reconhecimento da diversidade cultural? (WOLTON, 2012, p.57)

Assim, é possível compreender que a informação, que seria a base do jornalismo, tem sido modificada em função do rápido desenvolvimento tecnológico, principalmente, tanto nas instâncias de produção, quanto de recepção. Porém, as reflexões acerca das consequências tais mudanças e o futuro da informação, não têm acompanhado este avassalador processo de transmissão.

Como este trabalho trata especificamente de uma análise de notícias veiculadas pela Folha de São Paulo, cabe agora trazermos um breve histórico da importância e desenvolvimento do jornalismo.

## **2.2 O poder da mídia: o jornalismo como quarto poder e o novo jornalismo**

O termo “quarto poder”, segundo Traquina (2005), foi cunhado por um deputado do parlamento inglês, atribuindo ao jornalismo uma posição junto ao clero, à nobreza, à burguesia e ao povo, que constituíam os três poderes na época da Revolução Francesa. Mais tarde, com o surgimento de ideais democráticos, cujo princípio básico é: o poder controla o poder, criam-se então os poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e o jornalismo continua com o papel de “quarto poder”, se ancorando na teoria da opinião pública<sup>4</sup>, para “combater a imagem de força perigosa e revolucionária que alguns políticos queriam impor” (TRAQUINA, 2005, p.47)

Ainda de acordo com Traquina (2005) - baseado nos pensamentos de Bentham - a opinião pública tem a função de controle social e se expressa por meio a imprensa, que é

---

<sup>4</sup> Teoria que trata da representação, do compartilhamento e da discussão da cidadania.

designada como porta-voz, tendo como missão fazer com que as diferentes vozes na sociedade sejam ouvidas pelo governo, a fim de participar e regular das decisões políticas.

Neste sentido, Charaudeau (2012) defende que o discurso do poder político, que legitima sua posição de autoridade sobre as massas, orientando-as e guiando-as, é capaz de gerar os discursos que são:

[...] de reivindicação, de contestação da ordem imposta, e cuja força depende ao mesmo tempo da organização dos grupos que o produz, de suas possibilidades de mobilização e dos valores éticos emblemáticos. Esses discursos agem como um contrapoder, uma contraorientação, representando tradicionalmente o discurso do poder civil que preferimos chamar de discurso da “sociedade cidadã” (CHARAUDEAU, 2012, p.118-119).

Esta seria a função do jornalismo como porta-voz da opinião pública e, a partir disto, segundo Traquina (2005), o jornalismo começa a ter um papel fundamental para qualquer sociedade democrática. Em contraponto, Wolton (2011) assevera que:

Ser o quarto poder é a degradação do contrapoder, não uma vitória. *O jornalista não é o amigo do cidadão nem o amigo do poder, tampouco do juiz.* Se aceitar esse papel de amigo, perderá a confiança do público, sem a qual não pode ser livre e que é a única fonte da sua legitimidade. Deve combater em duas frentes. Contra os incontáveis poderes e contra o lobby dos que pretendem “verificar” a informação ou entrega-la pronta; e em relação aos receptores que não desejam, na maior parte do tempo, ouvir o que contraria suas escolhas. Como dizia Raymond Aron, o leitor é frequentemente a primeira limitação à liberdade de expressão (WOLTON, 2011, p.73).

Ainda no século XIX, conforme aponta Traquina (2005), um novo jornalismo passa a se estabelecer no mundo, tendo a missão, de acordo com a teoria democrática, de cumprir um duplo papel:

1) com a liberdade “negativa”, vigiar o poder político e proteger os cidadãos dos abusos dos governantes; 2) com a liberdade “positiva”, fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho de suas responsabilidades cívicas, tornando central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística (TRAQUINA, 2005, p.50).

Desta forma, percebemos que há um conflito na denominação do jornalismo como o quarto poder, haja vista que por um lado, esta concepção está no plano ideal de um jornalismo que tem a missão de regular as decisões políticas, de ser porta-voz do povo. Por outro lado, é justamente isto que põe o jornalismo em xeque, pois se este se coloca em uma mesma posição

de poder que o legislativo, judiciário e executivo, nos leva a questionar qual seria a garantia de que o jornalismo não estabeleceria relações político-ideológicas, corruptas e de conluio com os outros três poderes, bem como até que ponto chegaria à independência (se é que existe) e à liberdade do jornalismo como um quarto poder.

Ademais, há outro lado do jornalismo que Traquina (2005) afirma começar a florescer nesta mesma época: a comercialização da imprensa. Ao mesmo tempo em que o jornalismo passa a ser independente dos vínculos políticos, também se transforma em uma indústria que comercializa informação, seguindo a lógica do capitalismo: obter lucro. Para isso, a imprensa passa a baratear os custos de produção, dando origem à *penny press*<sup>5</sup> que, desta forma, amplia sua audiência a um público politicamente heterogêneo, bem como generaliza o público alvo, sem privilegiar a elite educada. Assim, o jornalismo tem a possibilidade de cumprir o que “a nova ideologia pregava [que] os jornais deveriam servir os leitores e não os políticos, pregava que traziam informação útil e interessante aos cidadãos, em vez de argumentos tendenciosos em nome de interesses partidários, pregava fatos e não opiniões” (TRAQUINA, 2005. p.50).

Não obstante, entendemos que a visão que Traquina (2005) apresenta sobre o jornalismo como quarto poder é de certa forma contemplativa e pouco reflexiva, principalmente pelo fato de que o jornalismo, amiúde, não é independente, mas está quase sempre ligado a uma empresa capitalista, que por sua vez segue a lógica do capitalismo: a obtenção de lucro. Assim, o processo de comercialização da informação, ou mais precisamente, da notícia, interfere fatalmente nos ideais de porta-voz da opinião pública, nos levando a questionar até que ponto realmente o jornalismo honraria essa missão, se isto é apenas um ideal que não (ou de que maneira) se materializa na práxis, além do fato de que o processo de construção do produto jornalístico envolve vários fatores e se dá em várias instâncias como veremos ao longo deste capítulo.

### **2.3 A construção da notícia**

Há uma relação de interdependência entre o jornalismo e a notícia, pois quando pensamos em jornalismo, logo pensamos em notícia, ao mesmo tempo em que a notícia remete ao jornalismo, portanto, não há dúvidas que a notícia é fulcral para a existência do jornalismo. Segundo Traquina (2008), a notícia é definida pelos próprios jornalistas como aquilo que por eles é relatado, captado, reproduzido ou retransmitido de um acontecimento,

---

<sup>5</sup> Termo em inglês que faz referência ao preço dos jornais; penny é uma quantia irrisória, um centavo; press significa imprensa.

como se o jornalista fosse um espelho que reflete a realidade, apenas um mediador, ou seja, o profissional do jornalismo teria um papel reduzido em seu próprio trabalho.

Para Sousa (2002), a notícia seria:

[...] artefatos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam de um processo de construção e fabrico onde interagem, entre outros, diversos fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico/tecnológico, que são difundidos pelos meios jornalísticos e aportam novidades com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural (ou seja, num determinado contexto), embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2002, p.13).

A partir destas definições, é possível perceber que a definição que Traquina (2005) traz, baseada no que os próprios jornalistas entendem como notícia, é bastante reificante, enquanto que a definição de Sousa (2002) abarca a complexidade do fazer noticioso, pois se aproxima mais da realidade da concepção da notícia. Entretanto, para além das definições é importante compreender como se dá o processo de construção da notícia.

### **2.3.1 Critérios de noticiabilidade e valor notícia**

Dois aspectos importantíssimos da produção de notícias são os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia. Ambos estão intrinsecamente ligados, uma vez que os critérios de noticiabilidade são “o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor notícia” (TRAQUINA, 2008, p.63)

Segundo Traquina (2008), baseando-se nos apontamentos de Wolf, os valores-notícia<sup>6</sup> fazem parte de todo o processo de construção da notícia e se dividem em dois grupos: de seleção e de construção.

Ainda de acordo com Traquina (2008), os valores-notícia de seleção se dividem em dois grupos:

- a) os critérios substantivos: dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia;
- b) os critérios contextuais: dizem respeito ao contexto de produção da notícia.

Quanto aos valores-notícia de construção, Traquina (2008) aponta que:

---

<sup>6</sup> Os valores-notícia seriam uma discussão à parte e não pretendemos fazê-la neste trabalho.

são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2008, p.78).

Não pretendemos aqui explicar cada um dos valores-notícia, pois a intenção é apontar sua existência e importância para a construção das notícias, no entanto, é importante citá-los para elucidar nossa linha de pensamento acerca da complexidade do fazer jornalismo:

Valores notícia		
Seleção		Construção
Critérios substantivos	Critérios contextuais	
a morte, a notoriedade, a proximidade, a novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, a controvérsia/ o conflito, a infração e o escândalo	a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o “dia noticioso”	a simplificação, a amplificação, a relevância, a personificação, a dramatização e a consonância

Figura 1 – Valores notícia. Charaudeau (2012).

Para Charaudeau (2012), os acontecimentos estão inseridos em uma contemporaneidade enunciativa e a mídia se encarrega de produzir as notícias a partir disto. Para ele, há um fator temporal que é comum a todos os meios de comunicação na transmissão de notícias: a atualidade. “É o que dá à notícia seu caráter factual desprovido, em seu princípio, de qualquer qualificação subjetiva e de qualquer tentativa de explicação de sua razão de ser” (CHARAUDEAU, 2012, p.133). Sumariamente, a atualidade seria o principal e mais comum critério de noticiabilidade e também aquilo que mantém a notícia, que é efêmera, em constante permanência na mídia.

Com estas definições e observâncias sobre os critérios de noticiabilidade e valores-notícia, compreendemos parte do processo de construção e constituição da notícia. Não obstante, há muitos outros fatores que estão presentes nesse processo, sendo relevante entender a notícia não apenas como um simples acontecimento captado, relatado, reproduzido e transmitido, mas essencialmente como um discurso.

### **2.3.2 A notícia como discurso e o porquê elas são como são**

Compreender as notícias como um discurso, bem como os elementos que compõe seu processo de produção é essencial para uma análise mais crítica e apurada, uma vez que os critérios de noticiabilidade e valores-notícia são apenas uma parte desse processo complicado de produção de notícias. Para Charaudeau (2012):

Todo o discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação (CHARAUDEAU, 2012, 67).

Este quadro de referência ao qual os indivíduos se reportam, trata-se do que Charaudeau (2012) chama de jogo de regulação das práticas sociais, algo que os próprios indivíduos estabelecem na comunidade, além de produzir discursos que justificam e valorizam tais práticas. Ademais, a comunicação entre indivíduos implica a consideração dos dados da situação de comunicação, que podem ser internos ou externos, e também o reconhecimento das restrições às quais estão submetidos o locutor/ enunciador e o interlocutor/ enunciatário. Isto porque “toda troca linguageira se realiza num quadro de cointencionalidade, cuja garantia são as restrições da situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2012, p.68).

Quanto aos dados da situação de comunicação, Charaudeau (2012, p.68-71) traz que:

<b>Dados da situação de comunicação</b>			
<b>Dados externos</b>		<b>Dados internos</b>	
<p>Constituem-se, no campo de uma prática social determinada, pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas e pelas constantes que caracterizam essas trocas que permanecem estáveis por um determinado período.</p> <p><b>Dividem-se em 4 categorias:</b></p>		<p>Constituem as restrições discursivas de todo ato de comunicação, são o conjunto dos comportamentos linguageiros (maneiras de falar, os papéis linguageiros a se assumir, as formas verbais ou icônicas que devem empregar) esperados quando os dados externos da situação de comunicação são percebidos, apreendidos, reconhecidos. <b>Dividem-se em 3 categorias:</b></p>	
<b>Identidade</b>	<p>Define-se por meio das respostas às perguntas: “quem troca com quem?” ou “quem fala a quem?” ou “quem se dirige a quem?”. Considera que os traços de identidade dos indivíduos interferem no ato de comunicação.</p>	<b>Locução</b>	<p>Define-se pela tomada da palavra pelo sujeito falante, que deve justificar porque tomou a palavra, impor-se como sujeito falante, e identificar ao mesmo tempo o interlocutor ao qual ele se dirige.</p>
<b>Finalidade</b>	<p>Define-se pela condição de que todo ato de linguagem deve ser ordenado em função de um objetivo, respondendo às perguntas: “estamos aqui para dizer o quê?”. Está relacionada à influência que um indivíduo tem sobre o outro, a fim de incorporá-lo à sua própria intencionalidade.</p> <p><b>Divide-se em 4 visadas:</b></p>	<b>Relação</b>	<p>Define-se pelas relações entre o locutor e interlocutor, que podem ser: de força ou aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência.</p>
	<p><b>Prescritiva:</b> é o “fazer fazer”, ou seja, tentar levar o outro a agir de determinada maneira.</p>	<b>Tematização</b>	<p>Define-se por onde é tratado ou organizado o domínio do saber, o tema da troca, sejam eles predeterminados por instruções contidas nas restrições comunicacionais ou introduzidos pelos participantes da troca.</p>
	<p><b>Informativa:</b> é o “fazer saber”, isto é, transmitir um conhecimento a quem se presume não possui-lo.</p> <p><b>Incitativa:</b> é o “fazer crer”, ou seja, é levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro).</p> <p><b>Páthos:</b> é o “fazer sentir”, isto é, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável.</p>		
<b>Propósito</b>	<p>Define-se pela resposta à pergunta: “do que se trata?”. É condicionado pela construção do ato de comunicação em torno de um domínio de saber, ao qual a troca (no ato de comunicação) entre os indivíduos deve sempre se reportar a um discurso dominante.</p>		
<b>Dispositivo</b>	<p>Define-se através da resposta às perguntas: “em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?”</p>		

Figura 2 – Quadro Dados da situação de comunicação. Charaudeau (2012).

Partindo destas definições, podemos compreender que ao aplicando na análise da construção de notícias, temos muito mais substância para entender o processo de produção de notícias, e principalmente compreendê-las como discurso. Se analisarmos uma notícia qualquer à luz dos dados da situação de comunicação, certamente encontraremos a maioria dos dados externos e internos, se não todos.

Além disso, parece-nos relevante a compreensão de outro ponto de vista sobre o processo de construção da notícia, conforme Sousa (2002, p.16), baseado em alguns teóricos da comunicação, o conteúdo das notícias é influenciado em cinco níveis, que são “interdependentes, integrados, interatuantes e sem fronteiras rígidas”:

- 1) Ação pessoal - as notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e atores;
- 2) Ação social – as notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, particularmente do meio organizacional em que foram construídas e fabricadas;
- 3) Ação ideológica – as notícias são originadas por forças de interesse que dão coesão aos grupos, seja esse interesse consciente e assumido ou não;
- 4) Ação cultural – as notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condicionam, quer as perspectivas que se têm do mundo, que a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência);
- 5) Ação do meio físico e tecnológico – as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de fabrico e do meio físico em que são produzidas;
- 6) Ação histórica – as notícias são um produto da história, durante a qual interagem as restantes cinco forças que informam as notícias que temos (ações pessoal, social, ideológica, cultural e físico-tecnológica) (SOUSA, 2002, p.16).

Assim, as notícias são o resultado de um processo de construção bastante complexo e, considerando que estão presentes em diferentes quotidianidades culturais de todo o mundo, é fulcral tentar compreender como as notícias são construídas, para então buscar identificar que efeitos ela produz na sociedade, nos receptores.

### **2.3.3 A manipulação na imprensa**

Dentro do processo de construção das notícias, há outro aspecto que é deve ser observado no cotidiano do jornalismo: a manipulação da informação.

Para Abramo (2003), “os órgãos de imprensa não refletem a realidade”, apenas oferecem algo ao público que faz referência à realidade, como se apresentasse outra realidade, que é artificial, irreal. Desta forma, o público tem contato com uma realidade que “na sua quase totalidade *não é real*. A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi artificialmente criado para ele, justamente a fim de que ele se mova nesse mundo irreal” (ABRAMO, 2003, p.24).

Em contrapartida, Charaudeau (2012) afirma que não há como dizer que a mídia tenha a vontade de enganar o público, nem que o público receba as informações sem nenhum senso crítico. Ele ainda defende que a mídia é um manipulador manipulado, uma vez que se automanipula e muitas vezes é vítima de manipulações externas.

Ampliando essa questão, para Charaudeau (2012), a manipulação pela mídia ocorreria na seleção dos acontecimentos e na seleção de como e o quê transmitir. Concomitantemente, a mídia seria manipulada por instâncias externas como o poder político, concorrência e a atualidade. Desta forma, as mídias ficam presas, pois o poder político tenta influenciar a opinião pública assim como os jornalistas; a concorrência comercial coloca a mídia em uma situação de defesa, para manter a audiência e não perder a fidelidade do público; a atualidade, que seria o principal critério de noticiabilidade para a construção de notícias.

Portanto, compreendemos que a manipulação midiática existe e ocorre no cotidiano do jornalismo, no entanto, não acontece em todo momento, nem mesmo é sempre proposital, pois a própria mídia é suscetível à manipulação de instâncias externas. Ainda, a heterogeneidade do público, o senso crítico, o nível intelectual e educacional, são garantias de que havendo manipulação, ela não atinge a todos da mesma forma como afirma, por exemplo, a Teoria Hipodérmica<sup>7</sup> e, há possibilidades de que nem tenha o efeito pretendido. Assim, o entendimento do processo de manipulação midiática traz à baila as relações entre **mídia, o público** e os **poderes superiores e exteriores** à mídia, bem como todos os fatores e instâncias intrínsecas e extrínsecas a cada um destes elementos.

---

<sup>7</sup> Estabelece que a informação é transmitida ao público e tem penetração direta, sem qualquer filtro, afetando a todos da mesma maneira.

## CAPÍTULO III – ESTUDOS DO DISCURSO E DA LINGUAGEM

*“Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”*

(Michel Pêcheux)

Derivada do campo da Linguística, a Análise de Discurso é uma disciplina dinâmica e ampla, pois é interdisciplinar e, desta forma, possibilita uma análise sólida e aprofundada do discurso produzido em todos os meios de comunicação/informação: visuais, textuais e sonoros, dentro das limitações da disciplina. Justamente por essas características é que a Análise de Discurso constitui o eixo teórico-metodológico deste trabalho.

### 3.1 Breve histórico da Análise de Discurso

A Análise do Discurso, assim como a conhecemos e é difundida pelo mundo hoje, tem suas origens nos anos de 1950, época em que os trabalhos de linguistas como Harris, Jakobson e Benveniste traziam uma nova proposta para os estudos da Linguística (BRANDÃO, 2002).

Essa nova proposta, conforme Orlandi (1986 apud BRANDÃO, 2002, p.16) constituía-se de dois caminhos diferentes que culminariam em duas maneiras singulares de pensar a teoria do discurso: uma das vertentes, a estadunidense de Harris, trazia a Análise do Discurso como extensão da Linguística, que prioriza a interioridade da língua, enquanto a vertente europeia de Jakobson e Benveniste introduz a relevância do sujeito no processo de enunciação, apontando a importância da exterioridade da língua.

Para Brandão (2002), a vertente de Harris trata a questão do sentido de maneira reducionista, apenas na interioridade linguística e não reflete sobre a significação, nem sobre a língua dentro de um processo sócio-histórico. Já a vertente europeia, mais precisamente a escola francesa de análise do discurso, considera a questão do sentido não somente em seu interior linguístico, mas também levando em consideração o sujeito enunciador, a história e a ideologia, ou seja, as condições de produção, a exterioridade linguística.

Foi na vertente europeia, nos anos 60, que a Análise do Discurso<sup>8</sup>, consolidou-se com base na Linguística, na Psicanálise e no Marxismo. Para Maingueneau (1987 apud BRANDÃO, 2002, p.17) “a AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, pois ela era preocupação não só dos linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos”. No mesmo caminho de entendimento, Orlandi (2012) acrescenta que,

A análise de discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso (ORLANDI, 2012, p.20).

O fato de que o discurso abrange inúmeras áreas do conhecimento trouxe a necessidade de delimitar o campo da AD e, desta forma, a princípio fora definida como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado” (BRANDÃO, 2002, p.17).

No entanto, essa delimitação preliminar não é suficiente para determinar a especificidade da AD, já que ainda segundo Maingueneau (1987 apud BRANDÃO, 2002, p.18) é necessário considerar outras dimensões como:

O quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitar fortemente a enunciação; os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Desta maneira, a língua, o sujeito enunciador, o enunciatário, o discurso, a ideologia o contexto sócio-histórico constituem as condições de produção que, por sua vez, vão constituir o sentido, como aponta Orlandi (2012, p.15), “na análise de discurso, procura-se entender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”, o que prova a interdisciplinaridade, a solidez e o papel fulcral da produção de sentido no discurso para a AD, que apresenta uma série de elementos em sua composição teórico-metodológica.

### **3.2 Os elementos da Análise do Discurso: funções e concepções**

Um dos elementos fundamentais da AD é, obviamente, o discurso, e os conceitos que temos hoje derivam de estudos de Foucault no final da década de 1960. Poderíamos apresentar o discurso como o elemento mais importante da AD, no entanto, este não se constrói isoladamente, senão por meio de uma série de elementos, como a linguagem, o

---

<sup>8</sup> Vamos chamar a Análise de Discurso de AD.

contexto histórico, o sujeito e a ideologia, sendo a “imbricação das condições extradiscursivas e das realizações intradiscursivas que produz sentido” (CHARAUDEAU, 2012, p.40).

### 3.2.1 O discurso, as condições de produção e a produção de sentido

O conceito de discurso para Orlandi (2012) é muito amplo e complexo, está além do que dispõe o esquema básico de comunicação de Jakobson, no qual trata a relação de comunicação como uma simples transmissão de informação, que parte do emissor para o receptor, através da mensagem construída por meio da língua (o código), e que faz referência à realidade. Todavia, em AD, essa relação entre emissor e receptor, tampouco é simples transmissão de informação.

Neste sentido, Orlandi (2012, p.21) aponta que,

[...] a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. [...] Pois no processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Contudo, Charaudeau (2012) sugere que a transmissão de informação constitui uma enunciação carregada de sentidos, ou seja, um discurso, pois “ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo o campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento” (CHARAUDEAU, 2012, p.36)<sup>9</sup>.

O campo de conhecimentos e a situação de enunciação referem-se às condições de produção, que para Orlandi (2012), se dão em sentidos estritos e amplos. Em um sentido estrito considera-se o contexto imediato, ou seja, a circunstância do momento da enunciação e o meio pela qual ela se comunica. Já no contexto amplo entram em questão a ideologia e o contexto sócio-histórico – e também o cultural – que por sua vez, acionam outro elemento que faz parte das condições de produção, intrinsecamente ligado à história: o interdiscurso, que, “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2012, p.31), ou seja, o sujeito utiliza a memória para poder atribuir

---

<sup>9</sup> Desta forma, entendemos que a matematização do processo de comunicação é ingênua, somente funciona quando trata este processo como uma simples transmissão de dados/ informação entre computadores, por exemplo. De outro modo, não há como reduzir a fórmulas matemáticas ou estabelecer valores de importância na relação entre o sujeito, o discurso e as condições de produção, por dois motivos: 1) a comunicação se dá horizontalmente e todos os elementos são fundamentais para a estrutura do processo; 2) a comunicação não é uma ciência exata.

sentido, valendo-se de tudo o que já apreendeu por meios dos seus sentidos (visão e audição), de tudo o que já vivenciou.

Para Courtine (1984 apud ORLANDI, 2012), o interdiscurso está em um

[...] eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.

Desta forma, conforme Orlandi (2012), para que se possa dizer (formular) é preciso, primeiramente, se colocar na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). É através da constituição (memória) e da atualidade (formulação) que os sentidos são produzidos.

### 3.2.2 A noção de sujeito e a ideologia

É fato que o sujeito não constrói sentido sem discurso, pois é por meio deste que o sujeito estabelece uma interação com outro sujeito e pela língua, a ideologia e o contexto sócio-histórico constrói um sentido, rompendo com a concepção idealista de sujeito que, conforme Pêcheux (1975 apud BRANDÃO, 2002, p.62), é concebido “como fonte, origem ou ponto de aplicação”.

A concepção de sujeito em Orlandi (1983 apud BRANDÃO, 2002, p.46) se dá em três diferentes etapas, a saber:

1. A primeira fase trata das “relações interlocutivas, harmonia conversacional, troca entre o *eu* e o *tu*”, que é a concepção idealista de sujeito.
2. A segunda fase trata da relação de conflito entre sujeitos, na qual há “uma tensão básica em que o *tu* determina o que *eu* diz, ocorrendo uma espécie de tirania do primeiro sobre o segundo”.
3. A terceira fase rompe com as concepções das fases anteriores e entende que “o centro da relação não está [...] nem no *eu* ou no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos”, pois o sujeito é incompleto somente em si e busca completude no outro e só se completa na interação com o outro.

Nessa direção, Brandão (2002, p.49) conceitua que,

[...] marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e um determinado tempo, à concepção de sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social.

Logo, sujeito e ideologia estão intrinsecamente ligados, uma vez que o sentido é apenas produzido se há interpretação pelo sujeito e, por conseguinte, a interpretação está atrelada à ideologia, uma vez que como “prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2012, p.48). Ademais, entendemos que a ideologia constitui o sujeito e por isso se manifesta subjetivamente na linguagem.

### 3.2.3 A subjetividade na linguagem e enunciação

Benveniste foi um dos estudiosos da linguística que mais contribuiu para o entendimento da subjetividade. Para ele, conforme cita Brandão (2002, p.47), “a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua”. E Através do uso de pronomes pessoais, como o *eu*, o locutor assume sua posição no discurso e, natural e necessariamente, passa a existir um *tu*, outro sujeito.

Na enunciação, *tu* e *eu* são distintos em sua marca de subjetividade, sendo o *eu* a pessoa subjetiva e o *tu* a pessoa não-subjetiva e nessa relação, Benveniste entende que aquele transcende este, porém ambos dependem um do outro para existir; “são complementares e ao mesmo tempo reversíveis” (BENVENISTE apud BRANDÃO, 2002, p.47).

Para mais, há ainda o *ele* que se opõe ao *eu* e ao *tu* que é impessoal, por não se referir especificamente a um indivíduo e, portanto, para Benveniste conforme cita Brandão (2002, p.47), é “um processo que se desenvolve fora da relação de subjetividade”. Na esteira desse pensamento, Brandão (2002, p.48) assevera,

Embora acentue, na relação discursiva, a figura do parceiro – “real ou imaginário, individual ou coletivo – (“você se constitui como *eu* na medida em que alguém é constituído como *tu*”), Benveniste vê no *EGO* o centro da enunciação e o identifica ainda à noção de sujeito, ao afirmar que a constituição da subjetividade vai se fazendo à medida que se tem capacidade de dizer eu.

Todavia, ainda para Brandão (2002), a subjetividade está intrinsecamente ligada à linguagem, sendo percebida independentemente do uso do pronome pessoal eu, o que contradiz algumas concepções de Benveniste. Alguns discursos, como o científico e o jornalístico usam pronomes indeterminados, impessoais, mascarando um sujeito em busca da objetividade dos fatos ou na tentativa de se eximir da responsabilidade pela enunciação.

Entretanto, a subjetividade continua presente no discurso sob outra forma, em que “o sujeito perde seu eixo então centralizado num *eu* todo-poderoso, monolítico, descentrando-se

e dispersando-se ou para outras formas do paradigma da pessoa ou para outros papéis que assume no discurso” (BRANDÃO, 2002, p.48).

Em confluência a este pensamento, Sousa (2004) – com base em Babin (1993) e Pedro Diniz de Sousa (2003) – aponta alguns elementos intrinsecamente ligados à subjetividade na construção discursiva, uma vez que “estão plasmados nos elementos estilísticos e semânticos da linguagem” (SOUSA, 2004, p.88). São os chamados procedimentos de intensificação e dramatização do discurso, a saber:

- 1) **Exagero** – significa aumentar algo injustificadamente, por meio de figuras de linguagem como a metonímia, por exemplo, tomando a parte pelo todo ou vice-versa.
- 2) **Simplificação** – é a redução da complexidade. Esta pode ser feita de maneira positiva, quando se respeita o contexto original da situação que serve de referente ao enunciado. Porém também pode ocorrer de maneira a encerrar juízos de valor apressados e promover enquadramentos discursivos aberrantes, propositada ou inadvertidamente.
- 3) **Oposição** – é a contraposição de conceitos, visões de mundo, pessoas, atos, etc., gerando tensões entre dois pólos. Esta pode ser feita para contextualizar melhor um acontecimento, mas também pode ser propositadamente simplificada e descontextualizada.
- 4) **Deformação** – é o exagero ou atenuação de qualidades ou defeitos, pela ênfase de pormenores, pela estereotipização e mitificação, pela caricaturização, etc.
- 5) **Amplificação emocional** – ocorre na interação entre as palavras e o contexto. Pode ser por meio do apelo aos sentimentos, uso de ponto de exclamação, aproveitamento de advérbios de intensidade e adjetivos, uso de ironias, sarcasmo, ou hipérbole.
- 6) **Vitimização** – é o estabelecer de relações de oposição entre vítima e agressor e pelo estabelecimento de um enquadramento textual em que um determinado ato seja perceptível como agressão.
- 7) **Personificação** – está relacionada à orientação das notícias para os atos de determinadas pessoas, para a nomeação de pessoas e para a atribuição de determinadas qualidades a essas pessoas, individual ou coletivamente, o que pode pressupor valorização. (SOUSA, 2004, p.88-90).

Desta forma, entendemos que a subjetividade está presente em qualquer discurso, pois a existência do discurso pressupõe a existência de um sujeito que por sua vez é histórico e ideológico. É perceptível no jornalismo uma busca pela objetividade, mais precisamente no gênero informativo, há décadas sendo perpetuado como um conceito basilar da práxis jornalística em geral, o que é justamente um dos conceitos que este trabalho pretende questionar, através da análise do discurso noticioso da Folha de São Paulo, em relação à cobertura da Primavera Árabe no período de janeiro e fevereiro.

### 3.2.4 O ato de informar, a construção e os efeitos de sentido

Partindo do fato de que a premissa do jornalismo é informar e este trabalho trata-se justamente de uma análise de notícias, o estudo do discurso sob a égide do ato de informar é imprescindível. Para tanto, Charaudeau é um autor que muito pode contribuir para a construção dos eixos teórico e metodológico deste trabalho.

Sobre a construção do sentido no ato de informar, Charaudeau (2012, p.41) considera que este “só é perceptível através das formas” que se relacionam de maneira recíproca, remetendo a forma ao sentido e o sentido à forma. Por isso, o sentido “se constrói ao término de um duplo processo de semiotização: de transformação e de transação” (CHARAUDEAU, 2012, p.41).

A transformação nada mais é que um processo de identificação das formas, que, conforme Charaudeau (2012, p.41),

Consiste em transformar o “mundo a significar” em “mundo significado”, estruturando-o segundo um certo número de categorias que são, elas próprias, expressas em formas. Abrange categorias que identificam os seres do mundo *nomeando-os*, que aplica a esses seres propriedades *qualificando-os*, que descreve as ações nas quais esses seres estão engajados *narrando*, que fornecem os motivos dessas ações *argumentando*, que avaliam esses seres, essas propriedades, essas ações e esses motivos *modalizando*.

Já a transação é o processo de significação, que ainda na coxia de Charaudeau (2012), comanda o processo de transformação. A transação, para ele,

consiste, para o sujeito que produz um ato de linguagem, em dar uma significação psicossocial a seu ato, isto é, atribuir-lhe um objetivo em função de um certo número de parâmetros: as hipóteses sobre a *identidade* do outro, o destinatário-receptor, quanto a seu saber, sua posição social, seu estado psicológico, suas aptidões, seus interesses etc.; o *efeito* que pretende produzir no outro; o tipo de relação que pretende instaurar com esse outro e o tipo de *regulação* que prevê em função dos parâmetros precedentes. (CHARAUDEAU, 2012, p.41).

Portanto, entendemos que esse duplo processo semiótico está fundamentalmente ligado às condições de produção intradiscursivas e extradiscursivas, fato que comprova a impossibilidade de transparência<sup>10</sup>, imparcialidade/neutralidade ou mesmo a factualidade da informação.

Outro fator que corrobora o que foi dito acima é a questão dos efeitos de sentido, inteiramente ligados ao ato de informar, que Charaudeau (2012) afirma haver diversos problemas e dúvidas suscitadas em relação à fonte e ao receptor.

No caso da fonte, uma questão importante diz respeito ao valor de verdade da informação, levando-nos a questionar o que seria a autenticidade de um fato, a verossimilhança, a pertinência. Além disto, outro aspecto importante é sobre a seleção da informação, que nos leva a indagar “em que campo de significação social deve efetuar-se a seleção e, no interior desse campo, com que critérios de importância ou de prioridade? Em função de que são definidos esses critérios? Dos interesses do mediador? Dos interesses do alvo?” (CHARAUDEAU, 2012, p.37), e ainda há uma questão mais visceral “há ou não garantias contra a subjetividade, ou contra a possível manipulação do mediador?” (CHARAUDEAU, 2012, p.37).

No que tange ao receptor, Charaudeau (2012, p.35, *grifo nosso*) aponta que ele “é considerado implicitamente capaz de registrar e decodificar ‘naturalmente’ a informação que lhe é transmitida, sem que seja levantado o problema da interpretação, nem o do **efeito produzido** sobre o receptor”, pois a informação passaria integralmente a este.<sup>11</sup> Contudo, baseados nos estudos da AD, sabemos que em qualquer enunciação há que se considerar o fato de que, como afirma Orlandi (2012), o sujeito é histórico e ideológico, uma vez que sua fala representa o tempo histórico e espaço social no qual está inserido, onde se constitui como indivíduo.

Desta forma, conforme Charaudeau (2012) defende, é imprescindível que pensemos nos efeitos de sentido, distingamos os efeitos visados dos efeitos efetivamente produzidos, que saibamos quais os efeitos e quem é o alvo daquele que informa. Ademais, é importante também considerar as hipóteses do não saber do receptor, do interesse que pode ser

---

<sup>10</sup> Lembremos que sendo a linguagem opaca, não-transparente, não existe a possibilidade do jornalismo o ser, pois ele se vale da língua e da linguagem para fazer saber e “construir” a realidade na notícia.

<sup>11</sup> O que nos remete à teoria hipodérmica, formulada por Lasswell, que diz justamente sobre o poder que teria a mensagem (midiática) de aceitação direta pelo receptor, sem levar em conta qualquer conceito de interpretação.

despertado pela notícia, da capacidade de compreensão do receptor, do espaço onde a informação circula (público ou privado). Pois:

[...] comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de *estratégias discursivas* (CHARAUDEAU, 2012, p.39).

Isto posto, outro ponto importante da AD que é pertinente para a proposta deste trabalho – análise do discurso noticioso – são os efeitos de verdade.

### 3.2.5 Efeitos de verdade

Um dos pontos considerados importantes na práxis do jornalismo trata do compromisso com a verdade e este conceito sempre trouxe e trará inúmeras discussões no âmbito acadêmico, principalmente. Isto porque as acepções do que seria a verdade são plurais e todas passíveis de questionamento; entretanto, há que se observar que todas essas acepções podem ter algo em comum: a subjetividade.

Segundo Charaudeau (2012), é preciso distinguir efeito de verdade e valor de verdade. Embora os conceitos estejam de alguma forma interligados, há alguns pontos fulcrais que apontam suas diferenças. O valor de verdade, conforme define Charaudeau,

[...] se realiza através de uma construção explicativa elaborada com a ajuda de uma instrumentação científica que se quer exterior ao homem (mesmo que seja ele quem a tenha construído), objetivante e objetivada, que pode definir-se como um conjunto de técnicas de saber dizer, de saber comentar o mundo (CHARAUDEAU, 2012, p.49).

Quanto ao efeito de verdade, “surge da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo” (CHARAUDEAU, 2012, p. 49). E a principal diferença entre valor e efeito de verdade é que um está baseado na evidência, enquanto que o outro está baseado na convicção, e desta forma, “participa de um movimento que se prende a um *saber de opinião*, a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos” (CHARAUDEAU, 2012, p.49).

A despeito das definições dos conceitos acima apresentados, é importante buscar não a verdade em si, mas “aquilo que determina o ‘direito à palavra’ dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida” (CHARAUDEAU, 2012, p.49).

Portanto, entendemos que há uma necessidade de buscar compreender a pertinência e a verossimilhança, bem como tentar responder às questões sobre o porquê informar, como, quando e quem informar.

## **CAPÍTULO IV – SENTIDOS DA PRIMAVERA ÁRABE NA IMPRENSA BRASILEIRA – ENUNCIÇÕES DA FOLHA DE SÃO PAULO**

### **4.1 Protocolo de Análise**

Analisamos o discurso do jornal Folha de São Paulo sobre a cobertura da Primavera Árabe, nas matérias dos dias 15/01/2011, 26/01/2011 e 17/02/2011, selecionadas ao considerarmos que foram as primeiras notícias a serem veiculadas tratando das manifestações na Tunísia, Egito e Líbia, respectivamente. Para isso, optamos pelo campo da Análise de Discurso como campo teórico-metodológico, considerando:

#### **4.1.1 Objetivos**

Identificar e analisar os efeitos de sentido, as marcas de subjetividade no discurso das notícias e suas estratégias discursivas, considerando os elementos dos dados da situação de comunicação, os elementos dos procedimentos de intensificação e a dramatização nas matérias selecionadas.

#### **4.1.2 Limitações**

- Curto tempo de pesquisa;
- Acesso ao material em alta resolução;

## 4.2 Por uma contextualização

### 4.2.1 Breve histórico do jornal Folha de São Paulo<sup>12</sup>

Em 1921, o jornal que hoje é conhecido como Folha de S. Paulo deu início às suas atividades sob o nome de Folha da Noite, resultado da criação de Olavo Costa e seu sócio Pedro Cunha. Naquela época as notícias eram prioritariamente denúncias às deficiências do serviço público. No ano de 1925 era criada a versão matutina da Folha da Noite que foi denominada Folha da Manhã e, mais tarde, em 1931, este passou a ser o nome da empresa. Já em 1949, a redação muda de local e surge um novo título: a Folha da Tarde.

Ao longo dos anos, o jornal passou por diversas transformações técnicas, profissionais, estéticas e, no ano de 1960 foi quando o jornal se tornou Folha de São Paulo, unindo os três jornais em apenas um.

Em 2012, o jornal Folha de São Paulo, de periodicidade diária, tem tiragem e circulação média semanal de mais de 300 mil exemplares<sup>13</sup>, a maior do Brasil, segundo dados da IVC (Instituto de Verificador de Circulação).

As notícias que selecionamos para a análise integram o caderno Mundo – que faz parte do Primeiro Caderno – que apresenta cobertura noticiosa, de acordo com a linha editorial da Folha de São Paulo, dos acontecimentos internacionais. No caso de nosso trabalho, a análise foca nos sentidos de Primavera Árabe produzidos no discurso noticioso da Folha.

### 4.2.2 O mundo árabe e a Primavera Árabe

A Primavera Árabe é caracterizada pelos levantes populares – motivados por fatores como crise econômica e a falta de democracia principalmente<sup>14</sup> – ocorridos nos países norte da África e Oriente Médio ao final do ano de 2010, que tiveram início na Tunísia, quando “as manifestações se alastraram porque os países compartilham certo grau de identidade árabe – seja pela língua, seja pelas características culturais ou históricas” (BRANCOLI, 2013, p.9).

De acordo com Brancoli (2013), apesar das semelhanças entre os países do chamado mundo árabe, há vários aspectos particulares de cada país que explicam os diferentes desdobramentos das manifestações. Para ele, quatro países, como a Tunísia, o Egito, Bahrein e a Líbia – país onde houve intervenção militar internacional, que culminou em uma guerra

---

<sup>12</sup> Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/historia\\_folha.htm](http://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/historia_folha.htm) <acesso em 30/05/2014>

<sup>13</sup> Dados de Outubro/2012. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml> <acesso em 30/05/2014>

<sup>14</sup> Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/atualidades/primavera-arabe-resumo-679427.shtml> <acesso em 30/05/2014>

civil – auxiliam em um entendimento básico do que ocorre no mundo árabe atual, já que um ponto relevante sobre o mundo árabe é que:

[...] o conceito de *mundo árabe* carrega em si uma gama de características e preconceitos, principalmente do ponto de vista ocidental. Visões que costumam oscilar entre uma perspectiva exótica e romântica, de uma região carregada de mistérios e culturas milenares (nos moldes dos contes de *As mil e uma noites*), e uma ótica atual negativa relacionada ao fundamentalismo religioso, restrição de liberdades e ausência de democracia (BRANCOLI, 2013, p.19).

Ainda para Brancoli (2013), o conceito de mundo árabe pode ser definido dentro uma perspectiva relacionada ao aspecto geográfico e, desta forma, temos uma região – que vai do norte da África até o oeste do Irã no sentido leste-oeste e da Turquia até o Chifre da África no sentido norte-sul – composta por 21 países (figura 3) que apesar das disparidades de suas realidades tem o idioma árabe em comum. Em outra perspectiva podemos

[...] entender o mundo árabe como um conjunto de valores, princípios e apontamentos culturais compartilhados por indivíduos. É inegável que grande parte desses princípios está associada à fé islâmica, porém não de modo exclusivo. [...] Embora a maioria dos habitantes seja muçulmana e fale árabe, não existe necessariamente um padrão uniforme de comportamento (BRANCOLI, 2013, p.20).



Figura 3 – Mapa Primavera Árabe. Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/>

Conhecendo brevemente a história do jornal Folha de São Paulo, o conceito de mundo árabe e o que foi a Primavera Árabe, podemos então, partir para a análise das notícias selecionadas.

### 4.3 Os sentidos da Primavera Árabe na imprensa brasileira – enunciações na Folha de São Paulo

Antes de partirmos para a análise das notícias é importante que façamos algumas considerações acerca dos elementos que buscamos no discurso textual e imagético que analisamos.

Segundo Sousa (2004), “as fotografias contribuem para informar, para enfatizar matérias e para a atribuição de sentido e enquadramento de um acontecimento, podendo ter igualmente funções estéticas” (SOUSA, 2004, p.113). Acrescenta que a construção de sentido na fotografia jornalística está ligada ao contexto da foto e ao contexto na qual ela é inserida, ou seja, no contexto do discurso em que há uma associação com o texto e o design. Além disso, Sousa (2004) afirma que:

Podemos considerar que entre os mais relevantes elementos potencialmente conferidores de sentido a uma mensagem fotojornalística se inscrevem, além do texto elementos como a pose dos actantes (gestos, expressões, etc.), a presença de determinados objetos, o embelezamento da imagem ou dos seus elementos, a truncagem, a utilização de várias imagens, etc (SOUSA, 2004, p.115).

Outros elementos importantes, conforme Sousa (2004), que contribuem para a atribuição de sentido na fotografia, são os que compõem a linguagem fotográfica como os planos, os ângulos, a composição e os elementos morfológicos da imagem como a cor, por exemplo.

Elementos da Linguagem Fotográfica			
Planos	Ângulos	Composição	Morfologia
É o espaço da realidade visível representado na fotografia. Pressupõe um enquadramento pelo fotógrafo, pois este escolhe quais elementos serão incluídos ou excluídos da foto. <b>Divide-se em:</b>	Diz respeito às direções da captação da imagem, de cima para baixo, de baixo para cima ou na linha horizontal. Os ângulos podem ter efeitos expressivo e simbólicos na fotografia. <b>Divide-se em:</b>	Trata-se da informação que é acrescentada ao enquadramento, dos elementos da imagem e como esses elementos competem pela atenção do leitor. <b>Divide-se em:</b>	São elementos que podem contribuir para dar sentidos a uma fotografia ou gerar sensações como a textura, manchas, pontos, linhas, cores etc.
<b>Geral</b> – são planos abertos, fundamentalmente informativos e, servem para situar o observador, mostrando uma localização concreta. Comumente utilizado em eventos de massas.	<b>Normal</b> – paralelo à superfície, oferece uma perspectiva “objectivizante” sobre o que é fotografado.	<b>Motivo no centro</b> – realça a importância de um elemento na fotografia, que pode ficar no centro geométrico ou visual da imagem.	<b>Cor</b> – permite atrair maior atenção, mas também é um agente conferidor de sentido, em função do contexto e da cultura.

<p><b>Médio</b> – permitem melhor relacionamento entre objetos e sujeitos fotográficos, pois são suficientemente próximos e afastados facilitando a identificação das relações entre os elementos da fotografia.</p>	<p><b>Contra-picado</b> – a imagem é feita de baixo para cima, o que tende a valorizar simbolicamente o elemento fotografado.</p>	<p><b>Divisão harmônica no retângulo</b> – trata-se da divisão harmônica dos elementos fotografados em metades, quartos e terços, que podem gerar uma composição equilibrada ou desequilibrada permite também a hierarquização dos elementos da foto.</p>	
<p><b>Grande plano</b> – enfatizam particularidades (uma janela, uma mão...) e são mais expressivo que informativos por abranger poucos elementos em relação aos planos abertos.</p>	<p><b>Picado</b> – a imagem é feita de cima para baixo, o que tende a desvalorizar os elementos fotografados.</p>		

Figura 4 – Quadro Elementos da Linguagem fotográfica. Fonte: Sousa (2004)

Para o discurso textual buscamos pelos elementos de intensificação e dramatização do discurso, que apresentamos no capítulo III, trazidos por Sousa (2004) – com base nos estudos de Pierre Babin (1993) – como o exagero, a simplificação, a oposição, a deformação e a amplificação emocional, a vitimização e a personificação, principalmente porque parece-nos relevante utilizar estes critérios, já que as notícias selecionadas tratam de um acontecimento internacional, do hemisfério oriental, cujos aspectos culturais são bastante distintos do hemisfério ocidental, onde estão situados o Jornal Folha de São Paulo e a grande maioria dos leitores do jornal. Ademais, buscamos identificar alguns elementos dentro da situação de comunicação dada, no caso, entre o jornal e a comunidade de leitores. Neste sentido, Charaudeau (2012) define que:

Todo discurso depende, para construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação (CHARAUDEAU, 2012, p.67).

Assim, consideramos os dados externos “que correspondem a um tipo de enunciação da produção linguageira: *condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo*” (CHARAUDEAU, 2012, p.68 grifo do autor), para deprender os efeitos de sentido do texto. Com estes elementos captamos as marcas de subjetividade implícitas ou explícitas no texto, que entendemos ser bastante relevantes para a análise pelo fato de que o jornalismo, sobretudo o gênero informativo, tem a objetividade e imparcialidade como uma de suas bases práticas.

### 4.3.1 Sentidos iniciais da Primavera Árabe – Tunísia

A Tunísia é o país árabe onde, em dezembro de 2010, houve a primeira manifestação popular contra o governo ditador, que serviu de inspiração para outros países iniciarem também seus protestos, dando origem ao que mais tarde se chamaria de Primavera Árabe. Segundo Brancoli (2013), “grande parte das revoltas possui motivações econômicas, que combinadas com fatores políticos e culturais, dão uma visão ampla das complexas razões que fomentam as manifestações” (BRANCOLI, 2013, p.36).

Um episódio foi marcante e representou o estopim para o início das revoltas por todo o mundo árabe: a autoimolação de Mohamed Bouazizi. Segundo Brancoli (2013), o jovem Bouazizi, em dezembro de 2010, teve sua banca de legumes - sua única fonte de renda para alimentar seus sete irmãos – confiscada pela sétima vez e ao tentar reavê-la fora agredido com um tapa no rosto por uma agente fiscal que também o agrediu verbalmente, dizendo frases em desrespeito ao pai de Bouazizi, humilhando-o publicamente. Por conta da vergonha e desonra que passou – pois para um islâmico, ser humilhado por uma mulher publicamente é um ultraje – dois dias depois, ou seja, em 17 de dezembro, o jovem ateou fogo ao próprio corpo, em frente ao prédio da Prefeitura, ato que “representou a faísca de uma explosiva mistura de desesperança econômica, frustração social e aspirações políticas que não iria apenas consumir Bouazizi [...] mas os regimes da Tunísia, Egito e de uma série de países da região” (BRANCOLI, 2013, p.46).

Após inúmeros protestos pelo país, em 14 de janeiro, o ditador tunisiano Ben Ali foge do país e deixa o poder.

\*\*\*

Em 15 de janeiro de 2011, 28 dias após o início dos protestos na Tunísia, o jornal Folha de São Paulo publica notícia sobre a queda de Ben Ali.

Por se tratar da primeira notícia publicada pelo jornal a respeito da Primavera Árabe, parece-nos relevante, através da análise do discurso imagético e textual, depreender alguns sentidos da Folha de São Paulo no “calor” dos acontecimentos, uma vez que o tempo de apuração das informações é curto, o que pode levar a juízos de valor e conclusões precipitadas sobre o acontecimento e seus desdobramentos.

Na parte superior da página do caderno Mundo temos a imagem, distribuída pela *French Presse*<sup>15</sup>, que mostra um aglomerado de pessoas e uma delas segura um cartaz que diz

---

<sup>15</sup> Agência de notícias francesa.

“GAME OVER”. Sobre a imagem, no canto inferior direito, temos a seguinte legenda:  
 “manifestantes em Tunísia, um deles com cartaz em que se lê ‘fim de jogo’”.

**FOLHA DE S. PAULO**  
SABADO, 15 DE JANEIRO DE 2011 A11

**folha.com**  
Venezuela se irrita com cão chamado Huguito em novela colombiana  
folha.com.br/mu60740

**folha.com**  
Veja galeria de fotos sobre crise que derrubou o líder da Tunísia  
folha.com.br/110195

**Revolta derruba o ditador da Tunísia**  
Presidente Zine el Abidine Ben Ali foge do país após 23 anos no poder

**Sem precedentes no mundo árabe, motim popular poderá ter impacto na região; premiê assume governo**

**JEFFERSON PUFF**  
DE SÃO PAULO

Milhares de pessoas tomaram as ruas da Tunísia ontem para celebrar algo jamais visto no mundo árabe: pressão, o ditador Zine el Abidine Ben Ali, 76, cedeu a protestos e fugiu do país após mais de 23 anos no poder. Agências de notícias indicaram que o ditador pegou um avião e tentou se esconder na França, mas teve o pedido rejeitado. Seu destino ontem à noite era incerto.

Com apoio dos militares —o que gerou suspeitas de que as Forças Armadas pegaram carona na mobilização popular e deram um golpe—, assumiu o poder o premiê Mohamed Ghannouchi, até então aliado de Ben Ali.

Ele acenou com a realização de eleições em seis meses, o que havia sido prometido por Ben Ali como um último gesto para tentar se manter no cargo.

A revolta na ex-colônia francesa pode ter implicações regionais. O norte da África é dominado por regimes ditatoriais. Líbia e Egito são dominados há décadas pelos mesmos líderes.

Logo após a queda do ditador, surgiram sinais de liberalização. “Os preços do pão e do leite foram reduzidos e sites como o YouTube foram liberados, atendendo às reivindicações populares”, disse a Folha o embaixador brasileiro na Tunísia, Luiz Antônio Fachini Gomes.

Mesmo assim, “o clima é de pânico e incerteza e ainda não se sabe como o premiê será aceito”, complementou. Anteriormente, após 22 meses confirmadas, Ben Ali ordenou um cessar-fogo às tropas e afirmou que deixaria o comando do país em 2014. Insuficientes, as atitudes não interromperam os protestos e, de acordo com fontes

medicinas, mais 12 civis morreram.

ONGs de direitos humanos contam 66 mortos, incluindo atores e franceses. Gomes diz que não há residentes ou turistas brasileiros feridos.

O país tem uma pequena comunidade brasileira, com cerca de 60 pessoas, em sua maioria cônjuges de tunisianos, empresários e jogadores de futebol.

**FÚRIA E EUFORIA**

Na capital Tunes, manifestantes, exigindo sua renúncia imediata, saquearam e incendiaram casas de famílias do ditador, que, segundo a Reuters, foram presos.

Na Tunísia há um ano, o empresário brasileiro Ruy Fluckiger acredita que o alto custo de vida e casos de corrupção motivaram a revolta.

Quando ele (Ben Ali) foi embora, todos foram para a rua, baratinando, em clima de comemoração. Parecia o Brasil na época do Tancredo”, relatou a Folha por telefone.

No interior, marchas com mais de 10 mil jovens foram registradas, além de saques e explosões de postos policiais. Antes da fuga de Ben Ali, o governo já havia fechado o espaço aéreo e declarado estado de emergência.

Ainda ontem, voos da Europa com destino a Tunes já tinham sido cancelados.

Os distúrbios se iniciaram em dezembro, quando um jovem ateu fogo ao corpo após ter perdido a licença para operar sua barraca de frutas. Morreu em 1 de janeiro.

Como uma bola de neve, protestos estudantis começaram de forma localizada, até acontecerem confrontos mais sérios no início da semana. A reação do governo de censurar sites como YouTube e Facebook, além do vazamento de documentos pelo WikiLeaks revelando corrupção no regime de Ben Ali, aumentaram a revolta.

Colônia francesa até 1956, a Tunísia foi governada por Habib Bourguiba até 1987, quando Ben Ali tomou o poder num golpe de Estado.

Em agências de notícias

**re**  
EM AÇÃO PARA CONECTAR AS PESSOAS.

Inovação, criatividade, entretenimento digital  
500 participantes conectados através da fibra ótica,  
novas ideias, compartilhar experiências e ajudar  
18 a 22 de janeiro no Centro de Exposições Imigrantes.  
Imam. www.campus-party.com.br

Telefónica  
Campus Party

www.telefonica.com.br

**RAIO-X**  
Tunísia

**CRONOLOGIA**

- 1881 Tunísia se torna colônia francesa
- 1956 Independência
- 1959 O principal líder nacionalista Habib Bourguiba é eleito
- 1987 Bourguiba é substituído por Zine El Abidine Ben Ali que toma o poder com um golpe de Estado
- 17.12.10 Início das revoltas após um jovem atear fogo ao próprio corpo, em protesto contra a polícia ter confiscado frutas e legumes que vendia; manifestações contra a falta de empregos, corrupção são quase diárias
- 09.01.11 Conflitos deixam pelo menos 14 mortos e vários feridos
- 12.01.11 Governo impõe toque de recolher, desafiado por jovens
- 13.01.11 Ben Ali afirma que não pretende tentar a reeleição em 2014
- 14.01.11 Governo declara estado de emergência. Premiê assume governo na Tunísia; ditador foge

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Figura 5 – Folha de São Paulo 15 de janeiro de 2011. Fonte: <http://acervo.folha.com.br/>

No que se refere ao discurso imagético e no bojo de nossas reflexões, depreendemos alguns sentidos:

1. A fotografia chama atenção para um elemento central, um cartaz onde se lê “*GAME OVER*”<sup>16</sup> e em caráter secundário, mas não menos importante, há uma multidão onde vemos pessoas, em sua maioria, vestidas com casacos da cor preta e algumas delas sorriem. Justamente o semblante de algumas pessoas sorrindo evidencia que não se trata de conflito, mas de uma celebração em massa, comemorando fim de algo – sentido que pode ser atribuído por conta do cartaz como elemento central da foto. Entretanto, a fotografia por si só não é capaz de definir exatamente a que faz referência e, desta forma, o sentido apenas se concretiza quando lemos o título da notícia, a linha-fina e principalmente a legenda: “manifestantes em Túnis, um deles com cartaz em que se lê ‘fim de jogo’”. Para Sousa (2004), as fotografias apenas representam um momento particular quando ancoradas no texto e neste caso, somente a imagem não seria suficiente para representar os tunisianos celebrando o fim da ditadura em seu país.
2. A predominância da cor preta nas roupas das pessoas captadas na foto aponta que o sentido visado pelo enunciador é de remeter a algo negativo, já que a cor preta representa a morte, luto, sentimentos como a tristeza – o que contrasta com o sorriso de alguns dos manifestantes na foto. Além disso, a cor preta está também ligada ao movimento anarquista e aos piratas, o que neste caso cria um efeito pejorativo aos manifestantes em Túnis. Neste sentido, o jornalismo parece através da fotografia, marginalizar os manifestantes, atribuindo-lhes um sentido pejorativo, de que são baderneiros, perturbadores da ordem estabelecida.

#### **4.3.1.1 Elementos textuais: enunciação a enunciação**

Para análise do discurso textual verificamos alguns sentidos apenas em algumas enunciações que entendemos serem fundamentais para a construção do sentido geral do discurso.

**Enunciação 1:** “Sem precedentes no mundo árabe, motim popular poderá ter impacto na região; premiê assume governo”.

---

<sup>16</sup> Fim de jogo (tradução nossa)

1. Na construção “sem precedentes no mundo árabe” há uma simplificação do discurso. Ao afirmar que não houve precedentes, o enunciador reduz a complexidade da situação político-social da Tunísia e ignora sua história – “na década de 80, a Tunísia entrou numa profunda e complexa crise econômica. Depois de um período de manifestações e uma sangrenta repressão, em Dezembro de 1983, o governo foi derrubado<sup>17</sup>” – bem como do mundo árabe. Além disso, um levante popular por mais que aconteça de repente, é decorrente de uma situação de crise que vai se agravando até o momento em que as pessoas decidem se manifestar. É óbvio que as circunstâncias são muito provavelmente diferentes das ocorridas na década de 80, porém, ainda assim, não há como dizer que não houve precedentes.
2. Com uso do termo “motim”, o enunciador atribui um sentido negativo às manifestações, já que este termo remete à rebelião/ rebeldia que são termos comumente usado para designar atos de manifestação dentro de presídios. Desta forma, a escolha deste termo pejorativo pelo enunciador, demonstra um sentido de marginalização dos atos de manifestação popular da Tunísia, o que evidencia um juízo de valor.
3. O termo “mundo árabe” carrega em si um conceito bastante complexo para que o enunciador o reduza apenas citando-o no texto. Sabemos que o “mundo árabe” é composto por 21 países na região que “se estende do Norte da África até o perímetro oeste do Irã (sentido leste-oeste), e da região fronteira da Turquia até o Chifre da África (norte-sul)” (BRANCOLI, 2013, p.20). Países estes que têm o árabe como idioma comum e compartilham alguns aspectos culturais, mas apresentam aspectos políticos, sociais e econômicos distintos. Isso revela que o jornalismo, muitas vezes, reifica a realidade e os atores que traz à arena de seus discursos.

**Enunciação 2:** “Milhares de pessoas tomaram as ruas da Tunísia ontem para celebrar algo jamais visto no mundo árabe: pressionado, o ditador Zine el Abidine Ben Ali, 74, cedeu aos protestos e fugiu do país após mais de 23 anos no poder”.

1. Na construção “jamais vistos no mundo árabe”, estamos diante, novamente, de uma redução das complexidades político-sociais e históricas de todo o mundo árabe. Isto nos leva a questionar: será que em nenhum momento da história dos 21 países que

---

<sup>17</sup> Disponível em [http://www.seuhistory.com/travel/travel\\_tunisia.html](http://www.seuhistory.com/travel/travel_tunisia.html) <Acesso em 03/06/2014>.

compõe o mundo árabe, mesmo que em circunstâncias e proporções diferentes, houve manifestações populares que tenham acarretado na destituição do poder de um ditador? Como vimos, episódio semelhante já ocorreu na Tunísia – que faz parte do mundo árabe – na década de 80 e, portanto, não há como dizer que a queda do ditador da Tunísia é algo que jamais tenha sido visto no mundo árabe. Mais uma vez, o jornalismo descontextualiza a realidade, simplificando em demasia temas complexos, que ao contrário do que prega a objetividade e imparcialidade - bases da práxis do jornalismo - vemos certa falta de preocupação em transmitir informações, conhecimentos fundamentados e precisos, principalmente em uma temática como a Primavera Árabe, oriente médio, países árabes que são há muito tempo vítimas de estereotipização em muitos discursos jornalísticos ocidentais.

**Enunciação 3:** “O norte da África é dominado por regimes ditatoriais”.

1. Neste trecho identificamos, mais uma vez, uma simplificação crassa do discurso, pois, apesar de a maioria dos países do norte do continente africano estarem sob regimes ditatoriais, isto não acontece em todos os países, como é o caso do Marrocos - que é uma monarquia constitucional - ou seja, é um país que é comandado por um monarca, mas possui uma constituição que limita seus poderes, logo, não pode ser considerado uma ditadura. O Sudão do Sul é outro exemplo. É um país que se dividiu recentemente – na época das manifestações da Primavera Árabe estava em votação democrática para a divisão do Sudão em dois países, Sudão e Sudão do Sul – que é uma república presidencialista.

Enunciações como esta revelam a falta de cuidado, preocupação e responsabilidade do jornalismo ao transmitir informações descontextualizadas, equivocadas e que levam à construção de reiteração e de estereótipos.

**Enunciação 4:** “Logo após a queda do ditador, surgiram sinais de liberalização. ‘Os preços do pão e do leite foram reduzidos e sites como YouTube foram liberados, atendendo às reivindicações populares’, disse à Folha o embaixador brasileiro na Tunísia, Luiz Antônio Fachini Gomes. Mesmo assim, ‘o clima é de pânico e incerteza e ainda não se sabe como o premiê será aceito’”.

1. Aqui percebemos um exagero e uma amplificação emocional, quando na voz do embaixador brasileiro – uma voz outorgada socialmente, representante da “verdade” - o enunciador traz que o clima é de pânico e incerteza, o que levanta a questão: se

houve a destituição do poder do ditador, algumas medidas liberalistas foram tomadas, naturalmente, o clima não seria de pânico e, além disso, tal afirmação vai de encontro com o que é dito ao início da notícia – Milhares de pessoas tomaram as ruas para celebrar a queda de Ben Ali. Aqui o enunciador traz um personagem ao discurso com intenção de dramatização, já que o discurso do embaixador brasileiro é contraditório e trata de um sentimento particular – pânico e incerteza – que mascara ao dizer que “ainda não se sabe”, utilizando de pronome na terceira pessoa do singular. Além disso, o enunciador também utiliza da fonte para se eximir da responsabilidade pela enunciação, que neste caso está sendo utilizado como representativo do todo. Isso mostra que o jornalismo, muitas vezes, adere ao discurso um personagem não com o intuito de corroborar ou dar credibilidade à história, mas de dramatizar e apelar sentimentalmente.

**Enunciação 5:** “Os distúrbios se iniciaram em dezembro, quando um jovem ateou fogo ao corpo após ter perdido a licença para operar sua barraca de frutas. Morreu em 4 de janeiro.”

1. Ao utilizar a palavra “distúrbio”, o enunciador atribui um sentido pejorativo e faz um juízo de valor com relação aos protestos na Tunísia, mais uma vez marginalizando os manifestantes, levando à caracterização destes como perturbadores do status quo.
2. Na construção desta frase, o enunciador também descontextualiza e reduz o fato que marcou o início dos protestos. Percebemos uma simplificação do discurso e o sentido atribuído aqui é de que atear fogo ao próprio corpo por conta do confisco de uma barraca de frutas é comum na Tunísia ou nos países árabes. Sabemos - e já abordamos previamente à análise - que a autoimolação do jovem tunisiano Mohamed Bouazizi está relacionada à humilhação e a desonra que sofreu e não simplesmente porque teve sua barraca de frutas confiscada. Neste ponto, podemos perceber a construção/reiteração do estereótipo de que árabes são extremista e fundamentalistas religiosos. O jornalista não faz um exercício de deslocamento cultural nem tampouco de empatia para buscar compreender os “reais” motivos que levaram Bouazizi a tal ato, que acabou por marcar o estopim do descontentamento com a situação político-social dos países árabes.

#### **4.3.1.2 O imagético e o textual: imbricações**

Ao fazermos as leituras do texto e da imagem identificamos alguns tipos de condições de enunciação da produção languageira:

1. **Finalidade informativa:** este é o elemento básico do discurso noticioso, pois toda notícia tem o objetivo de “fazer saber”, ou seja, transmitir um conhecimento a quem se presume não possui-lo. Porém, os sentidos depreendidos aqui mostram uma transmissão de informação em que o sujeito deixa marcas de subjetividade no discurso, com juízos de valor pejorativo, descontextualizações, simplificações e uso de elementos de dramatização do discurso. Isto é perceptível pela utilização de adjetivos como “distúrbios”, “motins” e pelo enquadramento da fotografia em que as pessoas estão vestidas com roupas de cor preta, fazendo juízo de valor negativo às manifestações na Tunísia, marginalizando-as; a descontextualização e reducionismos, como ao afirmar que “todo o norte da África é dominado por ditaduras” ou quando diz que “milhares de pessoas tomaram as ruas da Tunísia ontem para celebrar algo jamais visto no mundo árabe” deixando de lado a história e situação político-social do mundo árabe e, até mesmo a utilização do termo “mundo árabe”, que abrange um conceito um tanto complexo e em nenhum momento da notícia há qualquer explicação básica ou didática, nem mesmo no material iconográfico ao final da página, intitulado “Raio-X” que apresentasse alguns dados geográficos sobre a Tunísia e uma breve cronologia de sua história.
2. **Finalidade incitativa e páthos:** são elementos que atuam concomitantemente no discurso da notícia, quando a ela traz um personagem, o embaixador brasileiro na Tunísia, a fim de “fazer crer” que se trata de algo verdadeiro, bem como com a finalidade de “fazer sentir”, pois uma breve fala o embaixador revela que apesar da deposição de Ben Ali, o clima é de pânico e incerteza no país. Estes elementos dramatizam o discurso, apelando aos sentimentos e à tentativa de persuadir o leitor de que a informação é verdadeira ou possivelmente verdadeira. Ocorre que o discurso é contraditório, pois a fotografia, apesar do enquadramento pejorativo, mostra pessoas sorrindo o que nos leva a atribuir um sentido de que não há um clima de pânico, fato que é corroborado pelas primeiras frases da notícia que contam sobre os tunisianos terem saído às ruas para celebrar a queda do ditador. Portanto, os efeitos visados pelo enunciado ao dar voz à personagem é meramente um recurso de dramatização que revela as marcas de subjetividade no discurso da notícia.

#### 4.3.2 Sentidos da Primavera Árabe no Egito

Os protestos originados na Tunísia, segundo Brancoli (2013), logo se espalharam pelo mundo árabe, haja vista que a queda de Ben Ali trouxe a esperança de que a mobilização

popular tinha força para provocar mudanças políticas estruturais. Então, em 25 de janeiro de 2011, no dia em que é comemorado o dia da polícia no Egito, as pessoas foram às ruas e as manifestações que nos anos anteriores foram pequenas, deram lugar a um grande levante popular na capital egípcia, principalmente em 28 de janeiro, quando parte da população foi para a praça Tahrir no centro do Cairo, onde permaneceu por 15 dias, inclusive acampando na praça. Após 18 dias de protestos, o ditador Hosni Mubarak foi derrubado do poder.

\*\*\*

Em 26 de janeiro de 2011, o jornal Folha de São Paulo publica a primeira notícia sobre os levantes populares no Egito.

Assim, como no caso da notícia sobre a Tunísia, buscamos analisar a notícia mais imediata ao acontecimento, pois acreditamos na relevância de analisar a construção do discurso noticioso no fervor dos fatos, já que o tempo de apuração é curto e pode levar a construções equivocadas e/ou precipitadas.

Na parte superior da página, abaixo do título e da linha fina, temos a fotografia, de autoria de Khaled El Fiqri/ EFE<sup>18</sup>, que mostra o confronto entre homens uniformizados e equipados com capacetes, escudos e cassetetes e pessoas com roupas comuns sem armas nas mãos. Logo abaixo temos a legenda que diz: “Em pleno feriado para homenagear forças policiais, moradores do Cairo desafiaram proibição de manifestar imposta por regime de Mubarak em 1981”.

---

<sup>18</sup> Fotografia da agência de notícias espanhola EFE.

★ **FOLHA DE SÃO PAULO**  
 QUARTA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 2011 A11

FOLHA.com  
 Premê italiano Silvio Berlusconi ofende jornalista em debate na TV  
 folha.com.br/mu865745

FOLHA.com  
 Discurso de Barack Obama terá réplica do movimento radical Tea Party  
 folha.com.br/polemundo

# Mundo

## Egito se revolta contra ditador Mubarak

Inspirados por levante que derrubou regime tunisiano, egípcios tomam as ruas; protestos deixam 3 mortos

**Manifestações foram convocadas em parte por Facebook e Twitter; regime aliado dos EUA está no poder há 30 anos**

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Multidões inspiradas pela revolução em andamento na Tunísia tomaram ontem as ruas das principais cidades do Egito para exigir a saída do ditador Hosni Mubarak, numa onda de protestos que deixou três mortos.

As manifestações, qualificadas por testemunhas locais como as maiores desde que Mubarak assumiu o poder, há 30 anos, ocorrem após uma onda de autoimolações semelhantes à que desencadeou o levante contra o ditador tunisiano Zine El Abidine Ben Ali.

Ben Ali, cujo regime secular era tido como um dos mais estáveis da região, foi varrido do poder no último dia 14 por protestos que inspiraram populações de muitos países árabes, quase todos governados por regimes repressores e incompetentes apoiados pelo Ocidente.

Atendendo a uma convocação feita em grande parte por mídias sociais, como Facebook e Twitter, dezenas de milhares de egípcios desafiaram a proibição de se manifestar imposta por Mubarak desde que chegou ao poder. Segundo a TV Al Jazeera, do Catar, 30 mil pessoas atenderam aos protestos na capital, Cairo, e em Suez, a leste, apesar de o governo ter cortado a rede de celulares e bloqueado o Twitter.

"Abaixo Hosni Mubarak", gritaram os manifestantes em frente a um complexo judicial no centro do Cairo, que ficou cercado por policiais.

Também houve gritos de "Gamal, avise ao seu pai que os egípcios o odeiam", numa referência ao filho de Mubarak, que está sendo preparado para suceder o pai, doente e com 82 anos de idade.

Os protestos começaram de forma pacífica, mas a situação degenerou depois que policiais utilizaram canhões de água, gás lacrimogêneo e golpes de cassete.

Manifestantes reviraram jogando pedras e garrafas contra os protestos e até mesmo in-



Em pleno feriado para homenagear forças policiais, moradores do Cairo desafiaram proibição de manifestar imposta por regime de Mubarak em 1981



vadindo veículos usados pelas forças de segurança.

No Cairo, um policial morreu após ser atingido por uma pedra na cabeça. Em Suez um manifestante que tinha problemas respiratórios morreu após inalar gás lacrimogêneo e outro em circunstâncias não esclarecidas.

Informações sobre as mortes foram transmitidas a agências de notícias por fontes policiais que não quiseram se identificar.

Há relatos de policiais que abandonaram a missão de conter os protestos e se junta-

ram aos manifestantes. Os fatos tiveram mais força simbólica porque ocorreram durante um feriado nacional que homenageia as forças de segurança, temidas e onipresentes na vida do país.

O pano de fundo para os protestos egípcios é o mesmo que na Tunísia: repressão, desemprego, pobreza crescente e corrupção endêmica. Num sinal de apoio implícito a Mubarak, os EUA disseram que o governo egípcio é "estável" e "tema responder às necessidades do povo egípcio".

### ANÁLISE

#### Protestos egípcios tiveram um novo tipo de organização

SIMON TISDAL  
 DO "GUARDIAN"

O Egito não é a Tunísia. É muito maior. Oitenta milhões de pessoas, comparados com 10 milhões. Geográfica, política e estrategicamente, está em outro patamar. É o líder natural do mundo árabe e sua nação, a mais populosa. Mas muitos dos rancores das ruas são os mesmos.

Túnis e Cairo diferem apenas no tamanho. Se o Egito explodir, a explosão será muito maior.

Os egípcios já deram as caras antes. Mas, os protestos de larga escala de ontem foram diferentes, ao enviarem sinais perturbadores a um regime que fez da complacência um modo de ser.

O "dia de fúria" não teve apenas protestos e gritos em pequena escala, como antes. Os manifestantes não ficaram em um só lugar. Em alguns casos, a polícia não pôde, ou não quis, pará-los.

Isso tirou o ditador Hosni Mubarak e seus ministros de sua zona de conforto. A organização dos protestos também foi algo novo, ecoando a Tunísia e o Irã de 2009.

O maior grupo oposição, a Irmandade Muçulmana, que por muito tempo fez o papel de idiota fundamentalista islâmico para reforçar o apoio do Ocidente ao regime secular de Mubarak, desta vez re-

cusou-se a participar.

O rebelde do establishment egípcio, o ex-líder da agência nuclear da ONU Mohamed El Baradei, também ficou de fora.

Em vez disso, uma ampla coalizão de estudantes, jovens desempregados, operários da indústria, intelectuais, torcedores de futebol e mulheres, conectados por mídias sociais como Twitter e Facebook, lançou uma série de protestos ágeis. A polícia recorreu à violência.

Mas o Egito não é a Tunísia. O Egito tem uma polícia muito mais eficiente. Seu líder é tão linha dura e astuto como uma velha raposa. Sua elite militar e política está vinculada aos EUA, e a república americana não gosta de revoluções.

Ainda não há revolução no Egito. Mas, hipoteticamente, se Mubarak cair, as consequências seriam incalculáveis — para Israel e o processo de paz, para o aumento da influência do Irã, para a influência dos EUA no Oriente Médio, para o crescimento e propagação de um Islã militante e anti-Ocidente e para 80 milhões de egípcios.

➤ **TÚNIS E CAIRO DIFEREM APENAS NO TAMANHO, OS RANCORES SÃO OS MESMOS. SE O EGITO EXPLODIR, O EFEITO SERÁ MAIOR**

## Líbano vive "dia de fúria" contra Hizbollah

Manifestantes leais ao ex-premiê pró-Occidente Hariri protestam contra novo governo

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Centenas de pessoas queimaram pneus e bloquearam ruas ontem em várias cidades do Líbano em protesto contra as manobras que permitiriam ao grupo xiita Hizbollah nomear o futuro premiê do país, o deputado e empresário Najib Mikati.

O "dia de fúria" convocada por partidários do ex-premiê Saad Hariri, um sunnita pró-Occidente cuja coalizão de governo ruíu há duas semanas, aumenta a tensão no país dilacerado entre facções étnico-confessionais e palco de disputas geopolíticas.

Os maiores protestos ocorreram em Trípoli (norte), cidade que Mikati representa no Parlamento. Manifestantes gritaram "o sangue sunnita

está fervendo" e o "Hizbollah é o partido do diabo".

Hariri pediu a simpatizantes que evitem atos de violência, mas acusou o Hizbollah, um misto de partido político e milícia, de ter cometido um "golpe de estado" em favor dos aliados Irã e Síria.

A atual crise começou no último dia 12, quando o Hizbollah e aliados anunciaram a saída do governo, jogando por terra o gabinete de unidade formado havia 14 meses.

A decisão foi causada pela resistência de Hariri em de-sautorizar o tribunal da ONU que deve indicar integrantes do Hizbollah por atentado de 2005, o seu pai, o ex-premiê pró-Occidente Rafik Hariri.

O Hizbollah, que nega autororia do ataque, diz que o tri-

bunal instalado em 2007 é um "projeto israelense" e acusou Hariri de ceder a pressões ocidentais.

Especula-se que uma das primeiras medidas do novo governo libanês, costurado pelo Hizbollah após dias de negociações, seja o rompimento com o tribunal.

Apesar de se manobras do Hizbollah terem ter permitido obter maioria de 65 das 128 cadeiras do Parlamento, o grupo xiita vem dando sinais de conciliação. Um deles é a escolha do Mikati como premiê.

Mikati, sunnita, é um político tido como discreto e que circula entre várias facções.

O novo premiê, que ocupou brevemente o cargo em 2005 e é um dos homens mais ricos do Líbano, desta-

cou ontem que não está ligado ao Hizbollah e insistiu em que sua não está "estendida a todos [os libaneses]" para proteger a unidade do país.

Em outro aceno, o Hizbollah convencionou Hariri a apoiar um governo de união nacional, mas o ex-premiê rejeitou a oferta.

**EUA CONTRARIADOS**

A saída de Hariri do governo preocupa os EUA, que consideram o Hizbollah uma organização terrorista e ontem ameaçaram cortar a ajuda financeira e militar ao Líbano. A secretária de Estado Hillary Clinton afirmou que a composição do novo gabinete — cujas pastas ainda não foram distribuídas — terá um "impacto claro" sobre as relações bilaterais.



Soldado libanês corre de pneus incendiados em Beirute

No que se refere ao discurso imagético e no bojo de nossas reflexões, depreendemos alguns sentidos:

1. A fotografia parece representar um conflito entre pessoas com armas e pessoas sem armas, porém, sem a ancorarmos ao texto não temos os sentidos completos. A legenda nos diz que a foto trata do conflito entre manifestantes egípcios e as forças policiais do país. O enquadramento da foto apresenta um número maior de elementos da polícia que parecem segurar a multidão com seus escudos e com os cassetetes a postos para desferir golpes nos manifestantes egípcios desarmados que estão em posição de defesa e pouco figuram na foto. Temos aqui que o enunciador tem a intenção de mostrar a força e agressividade da polícia em reação aos protestos que aconteceram exatamente no dia em que se comemora o dia das forças policiais.
2. A predominância das cores preta e azul em tons escuros e a sombra projetada sobre os policiais acentua o sentido sombrio, negativo e de conflito enunciados pela foto e caracteriza os policiais como uma força negativa e agressiva, enquanto que os manifestantes em posição de defesa em com a luz do sol sobre suas cabeças são as vítimas. Temos então, uma enunciação coerente e que contextualiza a situação do conflito e estabelece a relação de oposição entre os manifestantes e policiais que estão a serviço do ditador.

#### **4.3.2.1 Elementos textuais: enunciação a enunciação**

Para análise do discurso textual comentamos algumas enunciações da notícia que entendemos serem essenciais para a construção de sentido do discurso.

**Enunciação 1:** “As manifestações, qualificadas por testemunhas locais como as maiores desde que Mubarak assumiu o poder, há 30 anos, ocorrem após uma onda de autoimolações semelhantes à que desencadeou o levante contra o ditador tunisiano Zine El Abidine Bem Ali”

1. Aqui identificamos uma simplificação, descontextualização e uma deformação discursiva. Quando o enunciador afirma que as manifestações no Egito ocorreram após uma onda de imolações, ele enfatiza uma situação de suicídios como se fosse uma epidemia e não explica os motivos que levaram a esses atos, ele apenas compara com a autoimolação de Bouazizi na Tunísia, que como já sabemos, foi resultado de

uma situação pessoal de extrema humilhação e desonra, e o enunciador em momento algum apresenta este contexto, simplificando e descontextualizando o discurso. Além disso, afirma que a autoimolação na Tunísia desencadeou o levante popular contra Bem Ali, porém, sabemos que os protestos foram desencadeados pela insatisfação popular em relação ao regime ditatorial sob o qual viviam e também a crise econômica pela qual estava sendo fortemente afetados. Estamos diante de um enquadramento simplificante e descontextualizado, o que pode levar ao leitor entendimentos equivocados e descontextualizados que corroboram paradigmas preconceituosos e a permanência de estereótipos em vida.

**Enunciação 2:** “Ben Ali, cujo regime secular era tido como um dos mais estáveis da região, foi varrido do poder no último dia 14 por protestos que inspiraram populações de muitos países árabes, quase todos governados por regimes repressores e incompetentes apoiados pelo Ocidente”

1. Neste trecho temos uma simplificação, juízos de valor, bem como um exagero na construção do discurso. Quando o enunciador afirma que quase todos os países árabes são governados por regimes repressores e incompetentes, simplifica a complexidade da situação político-social dos países árabes, pois cada um tem uma situação particular, apesar de possuírem como característica comum, governos ditatoriais. Além disso, caracteriza os regimes ditatoriais como incompetentes, mas não aponta quais os âmbitos desta incompetência, que do ponto de vista do domínio de uma população, muitos dos ditadores dos países árabes são “competentes” em permanecer no poder por tanto tempo. Neste caso, o enunciado aparenta uma grande irresponsabilidade em emitir tais juízos de valor sem qualquer fundamento ou argumento, porém, a notícia não está assinada, apenas consta “das agências de notícias”. Isso levanta a questão: se a matéria não está assinada por um indivíduo, não há que se ter tanto cuidado, pois não há quem responsabilizar?
2. Outro ponto que demonstra um certo exagero discursivo é quando o enunciador afirma que os regimes repressores e incompetentes são apoiados pelo Ocidente. Aqui há um exagero ao designar o Ocidente como apoiadores de ditaduras árabes. Sabemos que os EUA têm relações comerciais com diversos países árabes, porém os EUA são apenas um país do Ocidente e que pode representá-lo, mas não é sinônimo de Ocidente. Parece que estamos diante de uma deterioração da

responsabilidade jornalística ao nos depararmos com discursos como este, com cargas subjetivas, pouco refletidas, descontextualizados e simplistas.

**Enunciação 3:** “Os protestos começaram de forma pacífica, mas a situação degenerou depois que policiais utilizaram canhões de água, gás lacrimogêneo e golpes de cassetete. Manifestantes revidaram jogando pedras e garrafas e até mesmo invadido veículos usados pelas forças de segurança”.

1. Nesta enunciação percebemos um enquadramento de marginalização dos manifestantes, pois o enunciador usa o termo utilizaram gás lacrimogênio e cassetete para falar sobre o confronto da polícia contra os manifestantes, para os quais o enunciador usa o termo revidaram e invadindo, ou seja, usa termos brandos quando se refere às forças policiais e uma carga de agressividade quando se refere aos manifestantes. Parece-nos que o jornalismo se posiciona ao lado da força opressora e marginaliza as manifestações populares, atribuindo-lhes características de agressividade e desqualificando-os pela violência, sem apontar a agressividade e violência que também pode existir por parte da polícia..

**Enunciação 4:** “Os fatos tiveram mais força simbólica porque ocorreram durante um feriado nacional que homenageia as forças de segurança, temidas e onipresentes na vida do país”.

1. Ao utilizar os adjetivos “temidas” e “onipresentes” o enunciador demonstra sua subjetividade no discurso, pois faz juízo de valor das forças de segurança egípcias, atribuindo características negativas, o que vai de encontro com o discurso construído anteriormente. Parece-nos que o jornalismo não tem referências de pesos e medidas ao demonstrar uma inconstância ideológica no discurso, pois em dado momento parece estar ao lado do opressor, em outro momento quer desqualificá-lo.

**Enunciação 5:** “Num sinal de apoio implícito a Mubarak, os EUA disseram que o governo egípcio é ‘estável’ e ‘tenta responder às necessidades do povo egípcio’”.

1. Aqui identificamos as marcas de subjetividade, bem como certo exagero discursivo. Quando o enunciador coloca os EUA como um personagem que opina sobre a situação do governo egípcio, ele personifica o país em uma voz que não se identifica, pois os EUA não disseram nada, alguém, um indivíduo disse algo, mas

aqui no discurso da notícia está oculto na tentativa de se eximir da responsabilidade pelo discurso. Além disso, o enunciador, ao fazer esta construção discursiva toma o todo pela parte, pois certamente nem todos os cidadãos estadunidenses concordam com o discurso que o enunciador atribui voz de um país.

#### 4.3.1.2 O imagético e o textual: imbricações

Ao fazermos as leituras do texto e da imagem, identificamos alguns tipos de condições de enunciação da produção linguageira:

1. **Finalidade informativa** – é o elemento da situação de comunicação presente em todo discurso noticioso, pois se trata do fazer saber, ou seja, transmitir conhecimento a quem se presume não possui-lo, que é uma das bases da práxis do jornalismo. No entanto, o jornalismo vai além, não apenas transmite informação e conhecimento, mas, por meio da subjetividade inerente ao sujeito jornalista, algumas ideologias são disseminadas no discurso informativo, de maneira sutil ou explícita por meio das estratégias discursivas.

Ao deprendermos os sentidos constituídos pelo imagético e textual produzidos pelo enunciador, parece-nos que o jornalismo se posiciona com seu discurso, muitas vezes, valoriza as forças opressoras em detrimento dos oprimidos, que são marginalizados. Há momentos que se estabelece um conflito no discurso, pois a fotografia retrata a polícia de maneira negativa, pelo seu enquadramento e elementos da linguagem fotográfica, mas no discurso textual, aparenta uma tentativa de atenuar o sentido atribuído à polícia pela fotografia, enquadra-a de maneira branda ao usar termos “suaves” para caracterizar ações aparentemente violentas da polícia.

2. **Finalidade incitativa e páthos:** no discurso desta notícia são perceptíveis na fotografia, pois ao mesmo tempo tem a função de fazer crer e fazer sentir. A foto leva o leitor a acreditar que o acontecimento é verdadeiro ou possivelmente verdadeiro e o impele a experimentar as sensações do momento captado, em que os manifestantes estão desarmados em confronto com a polícia. No texto, estes elementos estão presentes nas falas dos personagens trazidos ao discurso noticioso, que tem a finalidade de tornar a “história” mais verdadeira ou para apelar aos sentimentos do leitor. No entanto, esse tipo de recurso também pode ser usado para dramatização do discurso, ou seja, para manipular o discurso para que seja tido como verdadeiro, como

realidade, como na enunciação “Num sinal de apoio implícito a Mubarak, os EUA disseram que o governo egípcio é ‘estável’ e ‘tenta responder às necessidades do povo egípcio’”, em que se projeta o discurso de um indivíduo ou grupo de indivíduos em nome de um país inteiro.

#### **4.3.3 Sentidos da Primavera Árabe na Líbia**

A queda de Mubarak no Egito, conforme Brancoli (2013), motivou o início das manifestações na Líbia e as ruas foram tomadas em 13 de fevereiro de 2011. Os protestos que já haviam começado de maneira pacífica logo no início de 2011, deram lugar a manifestações com grupos armados. A Primavera Árabe na Líbia marcou o estopim para antigas insatisfações, o que resultou em uma guerra civil no país, na qual houve intervenção da ONU e de alguns países do Ocidente, pois havia o temor de que poderia ocorrer um massacre semelhante ao de Ruanda no ano de 1994, em que 1,5 milhão de pessoas foram mortas. Em agosto daquele ano, o ditador Gaddafi fora assassinado e a guerra civil instalada na Líbia somente terminou em Outubro.

\*\*\*

A primeira notícia publicada pela Folha de São Paulo sobre os conflitos na Líbia foi em 17 de janeiro de 2011.

Optamos por esta notícia considerando a proximidade da veiculação com a data dos fatos, pois entendemos ser relevante para a análise as notícias mais imediatas ao acontecimento, uma vez que o tempo de apuração das informações é curto, o que pode levar à produção de um discurso noticioso precipitado e/ou equivocado.

Importante salientar que apenas será analisado o discurso textual, pois não há fotografia vinculada a esta matéria jornalística.

★  
★  
★

FOLHA DE SÃO PAULO  
QUINTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 2011 A14

FOLHA.com  
Farc libertam mais dois reféns na Colômbia, afirma Cruz Vermelha  
folha.com.br/mu876766

FOLHA.com  
Gato 'contratado' por residência do governo britânico ataca jornalista  
folha.com.br/mu876536

ONDA DE REVOLTAS

# Protestos antirregime chegam à Líbia

País governado desde 1969 por Gaddafi registra primeiras ações opositoras após o início das revoltas na região

**Confronto em cidade no litoral deixa 38 feridos; Gaddafi, neoliderado dos EUA, promete aumento de salários em reação**

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A onda de protestos que assola países árabes e do Oriente Médio há dois meses chegou ontem pela primeira vez à Líbia, onde confrontos entre opositores antirregime e forças de segurança deixaram ao menos 38 feridos.

O país governado desde 1969 pelo ditador Muammar Gaddafi, mais longo mandatário africano, era um dos poucos até então imunes às revoltas que depuseram ditadores na Tunísia e no Egito e já ameaçam outros líderes.

Segundo relatos, as manifestações eclodiram na cidade mediterrânea de Benghazi — a cerca de 1.000 km da capital, Trípoli —, com tradição de oposição, e tiveram como estopim a prisão de um ativista de direitos humanos.

Em pouco tempo, porém, assumiram contornos anti-Gaddafi, com algumas centenas de pessoas atearando fogo em carros e atacando a sede das forças de segurança, que reagiram com balas de borracha e com canhões d'água.

Vídeo postado na internet mostrava manifestantes entoando cânticos de "nenhum Deus além de Alá, Muammar é inimigo de Alá" e "abaixo a corrupção e os corruptos".

Nas cidades de Zentan, cerca de 120 km ao sul de Trípoli, e Beyda, a leste de Benghazi, manifestantes atacaram delegacias de polícia.

Segundo a ONG Human Rights Watch, nove opositores foram presos pelo governo em Trípoli e Benghazi. O ativista cuja detenção desatou o início dos protestos foi solto horas mais tarde.

Os protestos foram contidos em poucas horas, mas seus organizadores convocaram para hoje um "dia de fúria", a exemplo de movimentos organizados em países da região nas últimas semanas.

Os levantes não foram noticiados pela imprensa oficial, mas a TV estatal transmitiu atos de apoiadores do ditador líbio e a convocação de novas ações em defesa de Gaddafi, refletindo o temor do regime de que os protestos se espalhem pelo país.

O governo líbio anunciou ainda aumento de 100% nos salários dos funcionários públicos e a liberação de 110 supostos ativistas de organização islâmica proscrita.

## PETRÓLEO

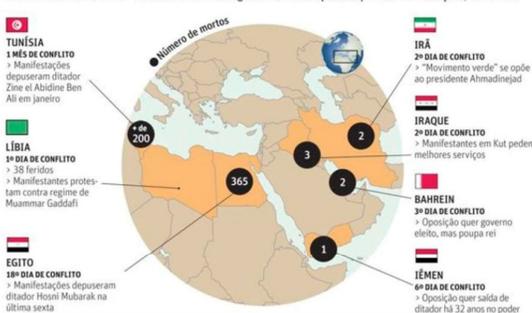
Durante muito tempo um pária internacional e alvo de sanções, a Líbia de Gaddafi se reaproximou nos últimos anos dos EUA e é atualmente aliado americano na região.

Com índices sociais e econômicos relativamente mais avançados do que os de vizinhos, o país de 6,5 milhões de habitantes tem importância estratégica por deter as maiores reservas comprovadas de petróleo da África. São 47 bilhões de barris.

Gaddafi, que chegou ao poder mediante golpe militar, governa há mais de 40 anos com poderes quase ilimitados, sem Parlamento eleito e sem Constituição.

## MAPA DOS PROTESTOS

Atos continuam na região dois meses após estopim de manifestações, na Tunísia



Policiais caminham na praça Pearl, na capital do Bahrein, após ataque a acampamento de manifestantes antigoverno

## Polícia ataca manifestantes em praça no Bahrein

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A polícia de choque do Bahrein cercou a praça Pearl, na capital Manama, e atacou um acampamento de manifestantes que exigem a queda do premiê — no poder há 40 anos — e do Parlamento.

Pelo menos duas pessoas morreram e outras 50 ficaram feridas, segundo a oposição xiita.

A exemplo do Egito, ontem cerca de 2.000 pessoas haviam pacificamente ocupado a Pearl, um símbolo da capital, e chegaram a rebatizar a de Tahrir (Libertação) — nome da praça que concentrou

os protestos no Cairo.

Além da troca do governo, os manifestantes exigem a instituição de eleições livres e a liberação de prisioneiros políticos. Eles poupam o rei, mas querem criar uma monarquia constitucional.

Os protestos, que entram hoje no quarto dia, já somam quatro mortos.

No fim da madrugada de hoje (neste de ontem em Brasília), a polícia cercou a praça e lançou gás lacrimogêneo e balas de borracha contra centenas de manifestantes, em um ataque surpresa, que dispersou o acampamento.

As forças de segurança

"chegaram por uma ponte que desemboca na praça. Há vários feridos", disse o manifestante Mahmud Fariq, que tentava escapar do local.

Testemunhas disseram que os acessos à praça foram bloqueados pela polícia e que era possível ouvir tiros de armas de fogo.

A maioria xiita que lidera os protestos é acusada pelos apoiadores do governo de ser alinhada ao Irã. Os xiitas rejeitam as acusações e dizem sofrer discriminação por parte da monarquia — sunníta.

**IÊMEN E IRAQUE**  
O Iêmen chegou ontem ao

sexto dia consecutivo de protestos antirregime e já contabiliza ao menos um morto em confrontos com forças de segurança — a agência de notícias Ele fala em dois mortos.

A oposição quer a saída de Ali Abdullah Saleh, ditador há 32 anos. Saleh já prometeu não concorrer de novo, mas as concessões não lograram conter os protestos.

No Iraque, três pessoas morreram em Kut — 150 km de Bagdá — durante confrontos com forças de segurança.

Os manifestantes protestam por melhores serviços e contra o governo provincial e o premiê Nuri al Maliki.

Mubarak recusa oferta de asilo da Arábia Saudita

MARCELO NINHO  
ENVIADO ESPECIAL AO CAIRO

Em meio à multiplicação de vozes que pedem seu julgamento por corrupção e outros crimes cometidos em 30 anos no poder, o ex-ditador egípcio Hosni Mubarak se recusa a deixar o país.

Recolhido no balneário de Sharm el-Sheikh desde que renunciou ao poder, na última sexta-feira, Mubarak rejeitou uma oferta de asilo da Arábia Saudita.

Rumores de que a saúde do ex-ditador de 82 anos teria se deteriorado após a renúncia foram confirmados pelo representante saudita que transmitiu a oferta de asilo a Mubarak.

"Ele não está morto, mas não está bem e se recusa a deixar o país. Basicamente, ele quer morrer em Sharm", disse.

Em entrevista à **Folha**, o maior nome da oposição a Mubarak nos últimos anos, Ayman Nour, defendeu que o ex-ditador seja levado a julgamento caso se confirmem as suspeitas de corrupção e desvios bilionários de fundos públicos em seu governo.

Ele diz que uma investigação para rastrear o dinheiro está sendo feita pela Associação Nacional para a Mudança, da qual faz parte. "Queremos que ele seja julgado no Egito e por uma corte civil", diz Nour, que desafiou Mubarak a candidatar-se a presidente em 2005.

As estimativas sobre a fortuna de Mubarak variam de US\$ 40 bilhões a US\$ 70 bilhões (entre R\$ 67 bilhões e R\$ 117 bilhões). Mas é a quantia mais alta, equivalente a um terço do PIB do país, que está na ponta da língua dos egípcios.

"Roubar US\$ 70 bilhões de um povo não pode não poder ficar sem punição", diz o estudante Islam, 29.

Correspondente estuproada no Cairo deixa hospital

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A jornalista americana Lara Logan, que foi brutalmente agredida e violentada enquanto cobria a queda do ditador egípcio na praça Tahrir, centro do Cairo, deixou o hospital dos EUA onde se recuperava, informou a rede ABC News, afiliada da CBS, emissora da correspondente.

Segundo a rede, a jornalista agora se recupera com a família em sua casa em Washington, nos EUA.

Logan cobria as celebrações no Egito após a queda de Hosni Mubarak para o programa "60 Minutes" quando foi cercada. Ela sofreu agressão sexual e espancamento antes de ser salva por um grupo de mulheres e soldados egípcios.

#### 4.3.3.1 Elementos textuais: enunciação a enunciação

Para análise do discurso textual comentamos algumas enunciações da notícia que entendemos serem fundamentais para a construção do sentido geral do discurso.

**Enunciação 1:** “A onda de protestos que assola países árabes e do Oriente Médio há dois meses chegou ontem pela primeira vez à Líbia, onde confrontos entre opositores antirregime e forças de segurança deixaram ao menos 38 feridos.

1. Nesta enunciação há um juízo de valor em relação aos protestos ocorridos no mundo árabe, quando o enunciador utiliza a palavra “assola”. Segundo *Dicionário Michaelis*, assolar significa arrasar, arruinar, destruir, que são significados que atribuem características negativas a todos os protestos ocorridos no mundo árabe, que marginalizam, reduzem os levantes populares a atos de violência injustificada. Sabemos que a situação de conflito nos países árabes ocorreu por conta de uma situação insustentável de opressão de regimes ditatoriais e crise econômica que, neste caso, assolam os países árabes e não os protestos. Mais uma vez vemos o jornalismo com discursos simplificados, utilizando palavras com cargas semânticas que desvalorizam os levantes populares da Primavera Árabe, parecendo se posicionar ao lado das forças opressoras dos regimes ditatoriais.

**Enunciação 2:** “O país governado desde 1969 pelo ditador Muammar Gaddafi, mais longo mandatário africano, era um dos poucos até então imunes às revoltas que depuseram ditadores na Tunísia e no Egito e já ameaçam outros líderes”

1. Aqui temos uma construção que evidencia as marcas de subjetividade ao usar o adjetivo “imunes”. O sentido atribuído pelo enunciador é de que os protestos, as revoltas são uma epidemia, uma doença, um vírus transmissível e sem controle que pode causar mortes. Sabemos que tanto na Tunísia quanto no Egito, os conflitos entre manifestantes e forças policiais causaram mortes, mas nada comparável a uma epidemia. Neste caso, temos uma deformação no discurso com a caracterização pejorativa dos protestos, o que mais uma vez mostra um posicionamento do jornalismo contrário aos levantes populares da Primavera Árabe.
2. O uso do termo “líder” como sinônimo de ditador também revela as marcas de subjetividade no discurso, pois enquanto o enunciador atribui sentidos aos manifestantes por meio de palavras com carga semântica negativa, utiliza de termos positivos para caracterizar ditadores e forças policiais. Isto mostra o posicionamento

do autor da matéria em relação aos acontecimentos, não necessariamente é o posicionamento do jornal, porém, ao veicular a notícia o jornal assume o discurso do sujeito jornalista

**Enunciação 3:** “Em pouco tempo, porém, assumiram contornos anti-Gaddafi, com algumas centenas de pessoas ateando fogo em carros e atacando a sede das forças de segurança, que reagiram com balas de borracha e com canhões d’água”.

1. Novamente, o enunciador marginaliza os manifestantes enquanto vitimiza as forças policiais. Ao eleger a palavra “atacar” quando se refere às ações dos manifestantes, o enunciador os caracteriza de maneira negativa, como violentos e, ao se referir às forças de segurança utiliza a palavra “reagir”, que abranda os atos violentos deste grupo. Estas construções nos faz refletir que o jornalismo aparenta ter pesos diferentes para atos de violência, dependendo de quem os pratica e tenta determinar quem representa “o bem” e quem representa “o mal”.

Ao fazermos a leitura do texto identificamos alguns tipos de condições de enunciação da produção linguageira:

1. **Finalidade informativa:** todo discurso noticioso tem como função básica o fazer saber, ou seja, transmitir conhecimento, informação a quem se presume não possuí-los. Porém, a subjetividade é inerente ao discurso e isso se mostra voluntaria ou involuntariamente na notícia.

Nas enunciações analisadas, identificamos algumas marcas de subjetividade, provando que o discurso jornalístico não é essencialmente objetivo e imparcial, pois estas são características que não cabem ao discurso, já que este pressupõe um sujeito, que por sua vez é histórico e ideológico.

2. **Finalidade incitativa e páthos:** estes elementos de uma forma ou outra sempre estão presentes no discurso jornalístico. No caso desta notícia, no trecho “Vídeo postado na internet mostrava manifestantes entoando cânticos de ‘nenhum Deus além de Alá. Muammar é inimigo de Alá’”, quando o enunciador traz a voz dos manifestantes para o discurso, mesmo sem dar voz a um indivíduo em específico, tem a intenção de fazer o leitor acreditar que aquilo que está sendo noticiado é verdadeiro, bem como despertar sensações boas ou ruins.

#### 4.4 Considerações da Análise

A Primavera Árabe certamente marcou a história do mundo, principalmente o hemisfério oriental e, naturalmente acontecimentos como este nos afetam de uma maneira ou outra, seja por meio de nossa empatia pelo ser humano e sua história ou por implicações mais diretas como impactos sociais, econômicos e ou políticos.

Graças ao avanço tecnológico pós-globalização, temos acesso a informações a uma velocidade estonteante e podemos saber o que se passa no mundo todo e a fonte principal dessas fontes de informações é o jornalismo, ou seja, a notícia, presente no cotidiano da maioria das pessoas ao redor do mundo.

Sousa (2004, p.13) afirma que as notícias são “artefatos linguísticos que procuram representar determinados aspectos da realidade e que resultam de um processo de construção” e justamente neste processo é que ocorre a interação de fatores ideológicos e históricos pelo sujeito que produz um discurso e, como afirma Orlandi (2012) sua fala representa o tempo histórico e espaço social no qual está inserido, onde se constitui como indivíduo.

Face a isto, decidimos então, analisar quais os sentidos dos discursos produzidos no ocidente em relação aos acontecimentos da Primavera Árabe, pelo jornal brasileiro Folha de São Paulo, a fim de identificarmos de que maneira a cultura de países orientais é vista e representada pelo jornalismo.

Ancorados na Análise de Discurso e nos processos e teorias da construção da notícia, depreendemos, por meio da análise de três notícias, que de forma geral, os acontecimentos de outras culturas são vistos e representados pela Folha de São Paulo – que de certa forma, representa o jornalismo brasileiro e ocidental – de maneira simplificada, exagerada e deformada que leva a reificação e à construção/legitimação de estereótipos.

Nas notícias analisadas, o discurso imagético e textual evidenciaram marcas negativas de subjetividade, com juízos de valor, descontextualizações e afirmações calcadas em suposições, sem argumentos sólidos, enquadrando a Primavera Árabe, o mundo árabe, sua história e cultura, por vezes, de maneira equivocada, marginalizada, estereotipada. Além disso, tais enunciações revelam a posição, o ponto de vista do jornal que retrata as forças opressoras de maneira positiva e/ou branda, enquanto marginaliza as ações populares.

Neste sentido, percebemos que a construção do discurso noticioso pode disseminar visões precipitadas, equivocadas e descontextualizadas sobre a Primavera Árabe ao leitor do jornal, corroborando a reiteração de preconceitos e estereótipos tanto sobre acontecimentos específicos das manifestações, quanto da cultura e história dos países árabes.

Percebemos que discursos disseminados pelo jornalismo brasileiro, por meio do jornal Folha de São Paulo, mostram a presença da subjetividade na práxis jornalística, da influência do sujeito jornalista, sua ideologia, cultura e história no discurso, bem como da empresa jornalística. Além disso, que esse tipo de cobertura noticiosa necessita de um deslocamento do sujeito, que vai muito além do geográfico, é necessário um deslocamento cultural, idiossincrático e intelectual para que se possa tentar enxergar os acontecimentos de maneira menos simplista, estereotipada e então disseminá-los com ética e responsabilidade como jornalista, como ser humano.

É importante deixar claro que nossa análise não se encerra, não se fecha aqui, sendo possíveis outros e novos depreendimentos de sentido, uma vez que somos sujeito e nosso discurso é histórico, ideológico e representa o tempo histórico e espaço social no qual estamos inseridos, onde nos constituímos como indivíduos. Ao utilizarmos a Análise de Discurso, compreendemos que o discurso sempre pode(ria) ser outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O PERIGO DA ÚNICA HISTÓRIA NO JORNALISMO HODIERNO

No ano de 2012 assisti a um vídeo<sup>19</sup> do discurso do TEDtalks<sup>20</sup>, de Chimamanda Adichie, uma escritora nigeriana, que conta um pouco de sua trajetória de vida, mas enfatizando a temática principal de seu discurso: *the danger of a single story*<sup>21</sup>.

Aquele discurso dizia sobre os estereótipos, as simplificações e deformações presentes nas histórias em geral. E um dado momento Adichie afirma: “A consequência de uma única história é que ela rouba a dignidade das pessoas, dificulta o reconhecimento de nossa igualdade e enfatiza o quão diferentes somos, em vez do quão somos semelhantes”. Estas palavras me marcaram e me fizeram refletir muito sobre o cotidiano e principalmente sobre aquilo que eu estava estudando na academia: o jornalismo.

Passei então, a olhar mais atentamente para o jornalismo na tentativa de identificar as histórias únicas e percebi que elas estavam lá, em grande quantidade. Isto, inicialmente, me causou um espanto, pois estamos vivendo em uma época em que há abundância de informação e fácil acesso a ela, o que me fez questionar o motivo de tantas histórias únicas. Mas, como Wolton (2010, p.50) brilhantemente percebe “mais informação não cria mais *diversidade*, mas, antes, mais racionalização e mais uniformização, pois a concorrência desenfreada leva paradoxalmente a que todos abordem a mesma coisa, da mesma maneira e no mesmo momento”.

Assim, percebi que o jornalismo com sua onipresença no cotidiano é um dos principais responsáveis por contar e disseminar essas únicas histórias pelo mundo. Nitidamente, o processo de produção do discurso jornalístico, em geral, necessita urgentemente de uma reformulação, pois até quando o jornalismo, como prática social e formadora de opinião, continuará roubando a dignidade das pessoas, enfatizando as diferenças culturais de maneira negativa, simplificando e descontextualizando as histórias da humanidade?

Obviamente, não posso deixar de considerar que há jornalismo sendo feito com responsabilidade pelo mundo, prática cada vez mais rara de se ver. Além disso, e mais importante, o jornalismo não está perdido por completo, principalmente porque é constituído de pessoas, se não há jornalista, não há jornalismo e justamente o sujeito-jornalista é aquele

---

<sup>19</sup> Disponível em [http://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story) <Acesso em 06/06/2014>

<sup>20</sup> Organização sem fins lucrativos dos EUA que promove conferências internacionais para disseminação de ideias.

<sup>21</sup> O perigo de uma única história (tradução livre).

que pode buscar fazer um jornalismo mais responsável, que conta as diversas histórias sobre um mesmo personagem, um mesmo acontecimento.

A empatia, o deslocamento cultural, o olhar não viciado, a responsabilidade ao contar as histórias são os principais desafios para o futuro do jornalismo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª ed., 2003.

BRANCOLI, Fernando. **Primavera árabe: praças, ruas e revoltas**. São Paulo: Desatino, 2013.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução a análise do discurso**. Campinas: Editora UNICAMP, 8ª ed., 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** volume I. São Paulo: Paz e Terra, 4ª ed., 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2ª ed. 2012

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 10ª ed., 2005.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimento**. Campinas: Pontes Editores, 10ª ed., 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento unico a consciencia universal**. Rio de Janeiro: Record, 5ª ed., 2001

SINGER, Paul. **O capitalismo: sua evolução, sua logica e sua dinâmica**. São Paulo: Editora Moderna, 3ª ed., 1989.

SOUSA, Jorge P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA, Jorge P. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo volume I: porque as noticias são como são**. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2ª ed., 2008.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.